

"Temos Orgulho de Estudar Neste Colégio"

**PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIA E ARQUITETURA
ESCOLAR NO COLÉGIO TIRADENTES DE SERGIPE (1962-1967)**



Criação Editora

**Indayane Gomes da Silva
Cristiano Ferronato**

“TEMOS ORGULHO DE ESTUDAR NESTE COLÉGIO”

**Práticas Educativas, Memória e Arquitetura
Escolar no Colégio Tiradentes de Sergipe (1962-1967)**

AUTORES:

**Indayane Gomes da Silva
Cristiano Ferronato**

ISBN:

978-85-8413-576-9



Criação Editora

CONSELHO EDITORIAL

**Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Gilvan Rodrigues dos Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza**

Indayane Gomes da Silva | Cristiano Ferronato



"Temos Orgulho de Estudar Neste Colégio"

**PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIA E ARQUITETURA ESCOLAR
NO COLÉGIO TIRADENTES DE SERGIPE (1962-1967)**



Criação Editora
Aracaju | 2024

Copyright 2024 by
Indayane Gomes da Silva
Cristiano Ferronato

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência.

Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação.

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

s48m Silva, Indayane Gomes da; Ferronato, Cristiano
“Temos Orgulho de Estudar Neste Colégio” - Práticas Educativas, Memória e Arquitetura Escolar no Colégio Tiradentes de Sergipe (1962-1967) / Indayane Gomes da Silva; Cristiano Ferronato. - 1. ed. - Aracaju, SE: Criação Editora, 2024.

142p. figs; fotografias.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8413-576-9

1. História. 2. Memória 3. Escola. 4. Educação
I. Título. II. Assunto. III. Autores

CDD 370.71
CDU 377.8

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** Vista Aérea do Centro de Aracaju (1924)
- Imagem 2** Anúncio Colégio Arquidiocesano
- Imagem 3** Anúncio Pensionato 1
- Imagem 4** Anúncio Pensionato 2
- Imagem 5** Anúncio da Escola Técnica do Comércio de Sergipe
- Imagem 6** Anúncios do Departamento de Educação
- Imagem 7** Anúncio da Escola de Química de Sergipe
- Imagem 8** Anúncio da Escola do Serviço Social de Sergipe
- Imagem 9** 1ª Festa de São João do Colégio Tiradentes - 1962
- Imagem 10** Casa dos Avós do Prof. Uchôa
- Imagem 11** Fachada da Capela e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Aracaju, década de 1940
- Imagem 12** Primeiro Escudo do Ginásio Tiradentes em 1962
- Imagem 13** Primeira reunião de professores do Ginásio Tiradentes
- Imagem 14** Ata de posse da Primeira Diretoria do Ginásio Tiradentes
- Imagem 15** Estatutos da Sociedade Mantenedora do Ginásio Tiradentes
- Imagem 16** Turmas do Colégio Tiradentes no primeiro ano do Colégio
- Imagem 17** Notícia do despejo
- Imagem 18** “Sem Solução o Caso Tiradentes”
- Imagem 19** Transcrição da “Imagem 18: “Sem Solução o Caso Tiradentes”
- Imagem 20** Mudança do Ginásio Tiradentes para Rua Airton Teles
- Imagem 21** Segunda Sede do Ginásio e Colégio Tiradentes
- Imagem 22** Lista de alunos do Curso Infantil
- Imagem 23** Turmas do Ginásio e Colégio Tiradentes
- Imagem 24** Primeiros concluintes do Curso Ginásial em 1963
- Imagem 25** Desfile da Inconfidência em 1963
- Imagem 26** Desfile da Independência
- Imagem 27** Prof. Uchôa fazendo saudações a Tiradentes 1962
- Imagem 28** Prof. Uchôa fazendo saudações a Tiradentes 1963
- Imagem 29** Missa de Páscoa do Colégio Tiradentes
- Imagem 30** Estudantes após Missa de Páscoa
- Imagem 31** Desfile Pós Missa de Páscoa
- Imagem 32** Desfile de Sete de Setembro
- Imagem 33** Casamento do Matuto

- Imagem 34** Casamento do Matuto 2
- Imagem 35** Primeira Comunhão dos alunos do Colégio Tiradentes
- Imagem 36** Encerramento do ano letivo do Colégio Tiradentes
- Imagem 37** Hino do Colégio Tiradentes
- Imagem 38** Primeiros professores do Colégio Tiradentes
- Imagem 39** Professora Cândida Viana Ribeiro
- Imagem 40** Professora Cecília Teixeira
- Imagem 41** Professor Edilberto Reis Cunha
- Imagem 42** Professor José Antônio da Costa Melo
- Imagem 43** Professor José Carlos de Souza
- Imagem 44** Professor Leão Magno Brasil
- Imagem 45** Professor Renato Valois das Chagas
- Imagem 46** Professor Raimundo Aritiquiba Lobão
- Imagem 47** Bilhete do Prof. Uchôa para Raimundo Aritiquiba
- Imagem 48** Professora Cacilda Wiltshire de Freiras
- Imagem 49** Quadrado de Pirro
- Imagem 50** Localização do Colégio Tiradentes
- Imagem 51** Fachada do Colégio Tiradentes em 1962
- Imagem 52** Aula da saudade do Colégio Tiradentes
- Imagem 53** Estacionamento Privado construído no lugar que existia o edifício do Colégio Tiradentes
- Imagem 54** Reprodução da Fachada do Colégio Tiradentes
- Imagem 55** Definição da Fachada do Colégio Tiradentes
- Imagem 56** Reprodução da sala da Diretoria
- Imagem 57** Reprodução da sala da Secretaria
- Imagem 58** Reprodução da Sala de aula 01
- Imagem 59** Reprodução da Sala de aula 03
- Imagem 60** Reprodução da área coberta e descoberta
- Imagem 61** Reprodução da quadra de voleibol
- Imagem 62** Identificação da Placa na fachada do Colégio
- Imagem 63** Fachada do Edifício da Rua Lagarto
- Imagem 64** Fachada Final da maquete eletrônica

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas.
PPGED/UFS	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.
PPED/UNIT	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes.
UNIT	Universidade Tiradentes.
UFS	Universidade Federal de Sergipe.
SIBIUFS	Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe.
PPG	Programa de Pós-Graduação.
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

APRESENTAÇÃO

Os professores Indayane Gomes da Silva e Cristiano de Ferro-nato trazem à luz o resultado de uma primorosa pesquisa sobre uma das principais instituições educacionais particulares do Brasil, a Universidade Tiradentes, que iniciou como o Colégio Tiradentes. Organizado em uma introdução e dois capítulos, o texto nos apresenta a prática pedagógica, o perfil dos alunos e professores, a disciplina escolar, o currículo, os métodos de ensino empregados, dentre outras facetas. Apresenta também os protagonistas e suas ações no período dos 10 primeiros anos de sua existência, a estrutura física, a equipe docente, os projetos pedagógicos, os estudantes.

A pesquisa ainda apresenta fontes diversas, ricas imagens físicas e eletrônicas do Colégio Tiradentes, da cidade de Aracaju, de professores, documentos da instituição, entrevistas com ex-alunos e professores. Além disso, nos brinda com a criação e disponibilidade de um artefato tecnológico da planta digital com uma riqueza de detalhes, a partir de depoimentos de participantes, demonstrando como era o Colégio em sua arquitetura, as cores das paredes, os azulejos, a disposições dos móveis.

Os resultados desta primorosa investigação demonstram como a trajetória do Colégio Tiradentes, os protagonistas e sua cultura escolar estão integradas à História da Educação de Sergipe e do Brasil, posto que, durante décadas, contribuiu na formação de uma elite de profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Boa leitura a todos!

Aracaju, 2 de dezembro de 2024.

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 NOS ARQUIVOS DA EDUCAÇÃO: TRAÇANDO AS LINHAS INICIAIS DA PESQUISA	11
2 ANOS DOURADOS DA EDUCAÇÃO: O COLÉGIO TIRADENTES E A TRANSFORMAÇÃO DE ARACAJU	21
2.1 O panorama educacional de Aracaju-se no Século XX	21
2.2 Um colégio para a mocidade sergipana: traçando as origens do Colégio Tiradentes	38
2.3 Inauguração do Colégio e transferência para segunda sede.....	48
3 NOS CORREDORES DA MEMÓRIA: DO ESPAÇO E DO COTIDIANO ESCOLAR DO COLÉGIO TIRADENTES.....	62
3.1 O Currículo e as Práticas Pedagógicas no Colégio Tiradentes.....	66
3.2 Ritos de passagem: as festas escolares e seus significados no Colégio Tiradentes	75
3.3 Os construtores do legado: os primeiros professores do Colégio Tiradentes.....	89
3.4 A Escola como Espaço de Aprendizagem: A Arquitetura Escolar e suas Narrativas.....	105
3.5 O Espaço Escolar como Construtor da Identidade do Colégio Tiradentes.....	109

LEGADO DE UMA INSTITUIÇÃO: O COLÉGIO TIRADENTES E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO SERGIPANA.....	129
REFERÊNCIAS.....	134

NOS ARQUIVOS DA EDUCAÇÃO: TRAÇANDO AS LINHAS INICIAIS DA PESQUISA



O título deste livro, inspirado na frase inicial do hino do Colégio Tiradentes, *“Temos orgulho de estudar neste Colégio”*, composta pelo professor João Bosco Seabra Santos, reflete a importância histórica e social dessa instituição para Sergipe desde sua fundação em 1960. Na década de 1960, o estado vivenciou profundas transformações nos setores educacional e econômico, marcado pela proliferação de instituições de ensino e pela expansão da oferta de cursos. Dentre essas instituições, o Colégio Tiradentes destaca-se por sua longevidade e adaptabilidade, tendo evoluído ao longo dos anos, passando por diversas fases: de colégio a ginásio, de faculdade a universidade. É importante destacar que o professor João Bosco Seabra Santos, autor do hino, também atuou como docente de Antropologia e Sociologia no curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, um dos projetos educacionais da instituição.

Este estudo, inserido no campo da História da Educação, tem como objetivo narrar a trajetória do Colégio Tiradentes, em sua primeira sede, localizada na Rua Laranjeiras, nº 567, em Aracaju. Buscamos compreender a instituição em seu contexto histórico e espacial, analisando aspectos como: o cenário educacional de Aracaju na época de sua fundação, a organização do espaço físico escolar, o currículo, as práticas pedagógicas, a disciplina e o perfil dos agentes

educativos envolvidos. Ao investigar a história, o local e o espaço da escola, pretendemos desvelar a cultura escolar que a caracterizava.

O Colégio Tiradentes, instituição de ensino particular e laica fundada por Jouberto Uchoa de Mendonça, constitui o objeto central desta pesquisa. Inicialmente, entre 1962 e 1972, a escola funcionava em um elegante casarão de estilo neoclássico, localizado no centro de Aracaju, oferecendo uma ampla gama de cursos, desde a educação infantil até o ensino técnico e normal. Ao longo dos anos, a instituição expandiu suas atividades, sendo reconhecida como Faculdade em 1972 e, posteriormente, como Universidade em 1994.

Neste estudo, delimitamos nosso foco no período compreendido entre 1962 e 1967, anos cruciais para a consolidação do Colégio Tiradentes. O ano de 1962 marca a inauguração da instituição, enquanto 1967 testemunha sua transferência para uma sede provisória na Rua Airton Telles (Avenida do Canal), graças à generosidade de Djalma Ferreira de Oliveira, que cedeu um imóvel para garantir a continuidade das atividades escolares. O Colégio permaneceu nesse local até 1969, quando finalmente se mudou para um prédio próprio.

A investigação da história do Colégio Tiradentes exigiu uma ampla pesquisa documental, incluindo documentos escritos, memórias, arquivos e fotografias. As fotografias escolares, em particular, revelaram-se um recurso fundamental para esta pesquisa. Conforme destacado por Souza (2001, p. 79), a fotografia escolar, amplamente difundida no século XX, constitui um gênero fotográfico com características próprias, produzido tanto para fins comerciais quanto como recordação.

Para investigar a história desta relevante instituição escolar brasileira, recorreremos a diversas fontes e nos baseamos em conceitos da História da Educação, sob uma perspectiva cultural. Abordamos temas como instituições escolares, cultura escolar, práticas pedagógicas, representações e arquitetura escolar, dialogando com autores como Dominique Julia (2001), Roger Chartier (1990/2002), Justino Magalhães (2004/2010/2011) e Cristiano Ferronato (2014).

Após delimitar o objeto, o tema, o período e os objetivos da pesquisa, aprofundamos nossos estudos no campo da História da Educação, com foco em instituições escolares. Conforme ressaltam Andrade e Toledo (2020, p. 216), a história das instituições escolares tem se destacado como um campo de pesquisa cada vez mais relevante nas últimas décadas. A partir dos anos 1990, em particular, observamos um crescimento exponencial de estudos dedicados ao tema, o que tem ampliado significativamente as possibilidades interpretativas. A diversidade de abordagens teórico-metodológicas, a proliferação de pesquisas e a pluralidade de enfoques têm gerado a necessidade de um debate contínuo e sistemático sobre os novos desafios e oportunidades de investigação nesse campo.

A trajetória da história da educação, inicialmente como disciplina acadêmica, está fortemente associada aos cursos de Pedagogia. Ela começou a ser desenvolvida nas universidades europeias no final do século XIX, em resposta à demanda por uma formação sistemática nessa área. No Brasil, de acordo com Gatti Junior,

[...] a disciplina surgiu, sobretudo, nas escolas do chamado Curso Normal e nos cursos de formação de professores. De acordo com Décio Gatti Júnior, historicamente o nascimento da história da educação é apresentada como disciplina de grande importância no processo de construção das Ciências da Educação a partir de meados do século XIX, com de legitimação da própria passagem da Pedagogia ao estatuto de Ciências da Educação. (Gatti Júnior, 2007, p.45)

Ou seja, trata-se de uma disciplina recente, diretamente relacionada à área de Educação. Magalhães afirma que “as discussões teóricas sobre a história da educação enquanto disciplina são importantes, pois permitem a necessária aproximação entre História e Educação”. (Magalhães, 2011)

A disciplina de História da Educação tornou-se obrigatória em 1942, logo após a institucionalização do curso de Pedagogia. Em 1946, passou a integrar o currículo de todas as escolas normais do país, sob a denominação de História e Filosofia da Educação. Saviani aponta que, após a criação do curso de Pedagogia em 1939, a História da Educação começou a ser ensinada regularmente, estabelecendo-se como um campo fértil para investigações. (Saviani, 2013)

A História da Educação, enquanto campo de pesquisa no Brasil, teve seus primeiros desenvolvimentos na década de 1950, com um projeto pioneiro na Universidade de São Paulo (USP) que visava construir uma narrativa histórica da educação brasileira a partir da análise de diversas fontes. A partir dos anos 1970 e 1980, com a expansão dos programas de pós-graduação em educação, o campo experimentou um crescimento significativo. Como observa Saviani (2005, p. 23), a institucionalização dos programas de pós-graduação a partir de 1969 impulsionou o desenvolvimento mais sistemático das pesquisas em educação, incluindo a História da Educação.

A pesquisa em História da Educação tem experimentado um notável desenvolvimento nas últimas décadas, com um olhar cada vez mais aprofundado sobre a escola como instituição e espaço de produção cultural. A escola, enquanto objeto de estudo, tem sido analisada sob diversas perspectivas, desde a cultura escolar, com seus ritos, símbolos e práticas pedagógicas, até a materialidade escolar, que inclui a arquitetura, o mobiliário e os materiais didáticos. A análise da materialidade escolar, por exemplo, permite compreender como os espaços escolares moldam as relações sociais e os processos de ensino e aprendizagem.

Paralelamente, a pesquisa em História da Educação tem se expandido para além das fronteiras nacionais, com o surgimento de estudos comparativos que permitem identificar tanto as particularidades quanto as universalidades dos processos educativos. A globalização e a mundialização da educação também têm sido temas recorrentes, com pesquisadores investigando a influência de políticas

e modelos educacionais internacionais nos sistemas nacionais.

As contribuições de Magalhães (2010) são fundamentais para compreender essas novas tendências da pesquisa em História da Educação. O autor destaca a importância de analisar a escola não apenas como um espaço de transmissão de conhecimentos, mas também como um lugar de construção de identidades e de produção cultural.

A aproximação da História da Educação com a História, especialmente a História Cultural, a partir de meados do século XX, impulsionou o surgimento de novas temáticas de pesquisa. Questões como as práticas pedagógicas, as políticas educacionais e as experiências educacionais de grupos minoritários, como indígenas e pessoas com deficiência, passaram a ocupar um lugar central nas investigações. A educação rural, a educação a distância e a história das instituições escolares também se tornaram temas relevantes. Segundo Magalhães (2004), essa renovação consolidou a identidade epistemológica do campo, conferindo-lhe autonomia e complexidade.

Nosso objetivo, alinhado com as tendências da pesquisa em História da Educação, é apresentar uma análise abrangente das instituições educativas, considerando seus protagonistas e suas ações, suas estruturas físicas, suas relações com as políticas educacionais, seus projetos pedagógicos, suas contradições e suas trajetórias históricas. Essa abordagem multifacetada permite compreender a instituição como um fenômeno complexo, inserido em um contexto histórico e social mais amplo.

A história das instituições educativas, como campo de pesquisa, tem se destacado pela interdisciplinaridade, combinando elementos da sociologia, da organização e do currículo para reconstruir de forma significativa o passado dessas instituições. Ao contextualizar as instituições em seus respectivos cenários políticos, sociais, culturais e educacionais, a pesquisa busca compreender as dinâmicas que moldaram sua identidade e seu desenvolvimento ao longo do tempo. Segundo Werle,

Há princípios teórico-metodológicos que orientam o trabalho do pesquisador envolvido com história das instituições educativas contemplando: (a) a compreensão do alto nível de complexidade entre as relações trabalho e educação; (b) o entendimento de que o particular é uma expressão do desenvolvimento geral – visões gerais e descrições do singular; (c) a consideração da história das instituições educativas como uma ação de interpretação, não apenas descritiva. (Werle, 2007, p.149)

Conforme Magalhães (1999b), a pesquisa sobre instituições escolares revela um universo simbólico rico e complexo que transcende os aspectos físicos e arquitetônicos. Ao estudar o interior dessas instituições, é possível compreender as relações de comunicação, a memória individual e coletiva e, conseqüentemente, a própria construção da relação educativa.

O diálogo com a obra de Magalhães (2004) aprofunda essa compreensão. Para o autor, as instituições educativas, em sua diversidade, são parte de um mesmo processo de institucionalização. O momento de sua criação, assim como o processo de consolidação, podem ser analisados sob diferentes perspectivas epistemológicas. No entanto, a representação simbólica e a hermenêutica dessas instituições são mais bem compreendidas a partir da análise genealógica e das narrativas discursivas que as envolvem. Ainda segundo Magalhães,

A evolução arquitetônica, a gestão/adaptação dos espaços e das estruturas, os ciclos de procura de instrução, os ciclos de renovação dos recursos humanos e materiais, as políticas de habilitação e recrutamento do pessoal docente, as políticas de admissão e de sucesso do pessoal discente, são factos, acontecimentos em combinatórias que de igual modo, não apenas não podem ser deixados de fora da preparação do Cadernos de História da Educação, v.19,

n.1, p. 214-229, jan.- abr. 2020 | 219 discurso, integrador e problematizante da síntese histórica, como são fundamentais enquanto factores de informação e vias de estruturação da investigação. (Magalhães, 1999a, p.68-69)

Esses entendimentos ressaltam a importância de realizar estudos sobre a escola considerando suas interações entre os elementos internos e externos. Ao investigar a história das instituições escolares, o pesquisador deve abordá-las a partir de uma reconstrução histórica. Isso ocorre porque a escola, e especificamente o Colégio Tiradentes neste caso, não é uma construção do pesquisador; ela já existiu ou ainda existe. O papel do pesquisador é construir o conhecimento sobre o objeto, o que implica em reconstruí-lo no plano do pensamento. (Saviani, 2007)

Ao pesquisar a história de uma instituição, o pesquisador pode contribuir significativamente para o avanço do conhecimento sobre a organização da sociedade. A aproximação do pesquisador com seu objeto de estudo, uma instituição escolar, pode ocorrer por três motivos: pelo interesse em conhecer mais sobre a instituição, pelo acesso às memórias e histórias da instituição ou pela falta de pesquisas acadêmicas sobre a escola (Magalhães, 1999a). Portanto, ao escrever ou analisar a história de uma instituição educativa, é essencial ampliar as possibilidades de compreensão da própria História da Educação, reconhecendo que essas instituições se relacionam com o panorama geral e não são apenas subdivisões da Educação.

A história do Colégio Tiradentes encontra-se intrinsecamente ligada à trajetória de seus fundadores, os professores Jouberto Uchoa de Mendonça e Dona Amélia Uchoa. No entanto, o foco deste estudo não é a elaboração de suas biografias, mas sim a análise do processo de institucionalização e consolidação do colégio nos primeiros **dez anos** de sua existência. Esse período inicial é fundamental para compreender a formação da identidade institucional e as bases sobre as quais a escola se desenvolveu.

Para compreender o papel da instituição na educação sergipana, optamos por analisar as escolas particulares do estado, com foco em sua influência na formação das elites locais no século XX. As escolas particulares, historicamente, desempenharam um papel fundamental na formação das elites, transmitindo valores, conhecimentos e habilidades que as habilitavam para ocupar posições de destaque na sociedade. A instituição em questão será considerada um caso exemplar de ensino de qualidade, inserida no contexto social dos grupos historicamente considerados elites em Sergipe.

O Colégio Tiradentes ocupa um lugar de destaque na história da educação sergipana, sendo reconhecido como uma das instituições mais importantes do estado, especialmente durante o século XX. Sua identidade, profundamente enraizada na cultura e na sociedade local, conferiu-lhe um simbolismo singular. Atualmente, a Universidade Tiradentes (Unit) mantém viva a memória e os valores do antigo colégio, preservando seu nome e perpetuando seu legado de sergipanidade, por meio de instituições como o Memorial de Sergipe. A preservação da memória do Colégio Tiradentes é fundamental para compreender a evolução da educação em Sergipe e fortalecer a identidade local.

Ao longo do século XX, o Colégio formou um número expressivo de profissionais que ocupam posições de destaque na sociedade sergipana, incluindo renomados educadores e intelectuais. A instituição é considerada um marco na história da educação local, tendo contribuído significativamente para a formação da elite intelectual do estado, o que impulsionou o desenvolvimento social e cultural de Sergipe.

Ao analisar estudos sobre instituições educativas no Brasil, com foco em Sergipe, identificamos a necessidade de uma investigação aprofundada sobre o Colégio Tiradentes no século XX. O objetivo é compreender as particularidades dessa instituição, seu papel na construção da cultura local e os elementos que a distinguiam das demais escolas fundadas no mesmo período. A compreensão das singularidades do Colégio Tiradentes pode contribuir para uma melhor

compreensão da história da educação em Sergipe e para a valorização do patrimônio cultural local.

A análise aprofundada da instituição englobou diversos aspectos, tais como a prática pedagógica, o perfil dos alunos e professores, a disciplina escolar, os métodos de ensino empregados, os recursos didáticos utilizados, os processos de avaliação e as práticas disciplinares, além do próprio espaço físico escolar. Essa abordagem multifacetada foi fundamental para compreender os elementos que caracterizaram o Colégio Tiradentes e o diferenciaram de outras instituições contemporâneas, como o enfoque na formação integral do aluno, a utilização de métodos de ensino inovadores e a valorização das atividades extracurriculares. A análise desses elementos permitiu identificar as características pedagógicas, culturais e sociais que moldaram a identidade do Colégio Tiradentes e o tornaram uma referência na educação sergipana.

A compreensão aprofundada da história da instituição e de seus diversos aspectos exige uma abordagem metodológica que transcende a análise de documentos escritos. A pesquisa histórica nesse contexto demanda o uso de fontes diversas, como documentos institucionais, plantas arquitetônicas, fotografias, jornais e outros materiais que permitam uma análise abrangente da instituição, da cultura escolar e de suas práticas pedagógicas, contribuindo, assim, para o avanço dos estudos sobre a história da educação. As plantas arquitetônicas, por exemplo, podem revelar a organização do espaço escolar e a forma como ele influenciava as relações sociais e as práticas pedagógicas. Diante disso, conclui-se que a pesquisa em História da Educação está intrinsecamente ligada à investigação da escola em sua totalidade, envolvendo uma multiplicidade de dimensões. Essa abordagem multifacetada permite uma compreensão mais rica e complexa da realidade escolar, superando visões simplistas e fragmentadas.

A compreensão da cultura escolar exige uma análise aprofundada do universo escolar, considerando tanto os elementos que a

constituem internamente quanto as influências externas que sobre ela incidem. Essa análise envolve a investigação de todos os componentes que contribuem para o desenvolvimento social e a organização cultural da escola, incluindo professores, alunos, demais atores envolvidos nesse contexto, o currículo, as práticas pedagógicas, as normas, os valores e as representações sociais compartilhadas. A compreensão da cultura escolar é fundamental para identificar os fatores que influenciam os processos de ensino e aprendizagem, as relações interpessoais e a construção de conhecimentos.

Na ausência do edifício original, utilizamos uma maquete eletrônica tridimensional, desenvolvida no software Blender, para proporcionar uma visualização detalhada da fachada e do interior do colégio. A maquete, acessível por meio de um vídeo QR Code no terceiro capítulo e oferece uma experiência imersiva do ambiente escolar. O Blender é uma ferramenta de modelagem 3D de código aberto, amplamente utilizada para a criação de animações, visualizações e simulações. Para a elaboração da maquete eletrônica, contamos com a valiosa colaboração de Willams Ferreira, arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Tiradentes, amigo pessoal da autora, que prontamente se dispôs a auxiliar na construção da maquete e na produção do vídeo.

Diante da escassez de imagens do prédio original, buscamos informações complementares junto ao fundador da instituição, o professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Agradecemos imensamente ao professor por sua colaboração e apoio durante todo o processo de pesquisa.

ANOS DOURADOS DA EDUCAÇÃO: O COLÉGIO TIRADENTES E A TRANSFORMAÇÃO DE ARACAJU



Na segunda metade do século XX, a crescente demanda por educação no Brasil impulsionou a expansão da oferta educacional em todos os estados. Nesse contexto, em Sergipe, especialmente em Aracaju, o crescimento urbano da década de 1950 refletiu as transformações nacionais. Foi nesse cenário que surgiu o Colégio Tiradentes, uma instituição particular e não confessional, voltada tanto para a classe média alta quanto para a população em geral. A escola oferecia bolsas de estudo e cursos técnicos, ampliando seu alcance educacional. Destaca-se, em particular, a oferta de cursos técnicos, que demonstrava um olhar atento às demandas do mercado de trabalho e à necessidade de formação profissional especializada.

2.1 O Panorama Educacional de Aracaju-se no Século XX

Os estudos sobre instituições educativas constituem um tema de pesquisa relevante na área da História da Educação. Esses estudos priorizam a investigação do cotidiano escolar, buscando compreender as práticas pedagógicas, as relações sociais, a organização do espaço escolar e os valores que moldam o ambiente educacional. Conforme Ferronato (2014, p.43), “O estudo de uma instituição tem

um memorial de fontes e informações que a legitimam como objeto historiográfico e pedagógico”. A compreensão da história das instituições escolares contribui para uma análise crítica do sistema educacional e para a proposição de melhorias.

A pesquisa histórica sobre as instituições educativas procura investigar o que ocorre também no interior, buscando a compreensão dos fatores que edificam uma essência própria à instituição, dentro do contexto de que ela faz parte, mesmo com as mudanças ocorridas no passar do tempo. Porém, antes de adentrar no interior de uma instituição é de fundamental importância conhecer o cenário educacional onde ela foi desenvolvida. Segundo Magalhães:

A história das instituições educativas, como a história da educação, integram desafios epistêmicos amplos que se aproximam de uma história total, no âmbito de territórios socio geográficos e socioculturais com características de permanência, cuja evolução reflete as conjunturas e circunstâncias de cada época. (Magalhães, 2004, p.166)

É importante ressaltar que toda instituição escolar possui consistência histórica, que depende dos pesquisadores, para registrar a contribuição por ela feita em sua trajetória na sociedade onde está inserida. Em vista disso, buscamos situar e interpretar os acontecimentos significativos que marcaram a urbanização da cidade de Aracaju, para entendermos seu processo de desenvolvimento educacional e como o objeto aqui analisado se insere. De acordo com Graça (2002, p.31) “O século XIX é identificado como marco para o surgimento de um novo imaginário social no que se refere a cidade, principalmente a partir da sua segunda metade, quando há uma transformação capitalista do mundo com uma progressiva expansão da ordem burguesa e seu corolário de crenças, valores e ideias”.

A modernidade almeja a construção desse imaginário social, que nada mais é que um processo vivenciado pela sociedade, onde

a mesma se dedica a um trabalho de permanente invenção das suas próprias representações, formando assim, em seu tempo, sua própria identidade.

Com 169 anos de história, Aracaju, segundo estimativas de 2021, conta com uma população de 602.757 habitantes. Considerando a Região Metropolitana de Aracaju, que abrange os municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, a população total ultrapassa 938.550 habitantes. Apesar de ser a menos populosa entre as capitais nordestinas, a localização estratégica de Aracaju, próxima ao Oceano Atlântico e com fácil acesso a importantes rodovias, a consolida como um importante centro urbano, econômico, cultural e político do país, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento do estado de Sergipe.

As terras que hoje formam a cidade foram originadas a partir de sesmarias concedidas a Pero Gonçalves por volta de 1602. Em 1699, surgiu um povoado às margens do Rio Sergipe, próximo ao ponto onde ele deságua no mar, chamado Santo Antônio de Aracaju. Em 1757, Santo Antônio de Aracaju, ainda sem grande crescimento, era uma parte da freguesia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Tomar do Cotinguiba. Em 2 de março de 1855, a Assembleia Legislativa da Província realizou uma sessão em uma das poucas casas existentes na Praia de Atalaia. Após avaliar a situação da província, Inácio Joaquim Barbosa, presidente da Província de Sergipe Del Rey, decidiu transferir a capital de Sergipe de São Cristóvão para a cidade portuária que seria construída ali. Esta decisão causou grande surpresa entre os presentes.

No início do século XX, mais especificamente durante as três primeiras décadas, o ritmo de ocupação da cidade foi acelerado; delinearam-se importantes obras de abastecimento de água e outras infraestruturas urbanas, o que fez despertar o maior interesse do poder público sobre a cidade para a implantação de uma infraestrutura moderna e de novas instituições. De acordo com Lapa (2019):

Aracaju, oficialmente instituída em 17 de março de 1855, pelo então presidente da Província Inácio Joaquim Barbosa, através da Resolução nº 413, concentrou todos os esforços do presidente para lançar as bases da urbanização da nova capital, nascida sob a pressão de atender os interesses da burguesia latifúndio-mercantilista do Segundo Império, impulsionadores da migração do campo para a vida urbana na nova capital da Província. (Lapa, 2019, p.36/37)

Fundada como uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, no século XIX, Aracaju tinha como objetivo central otimizar a logística portuária, rompendo a dependência de Salvador e impulsionando o desenvolvimento econômico da região. Concebida com base em um planejamento urbano inspirado em modelos europeus, a cidade atraiu pessoas de diversas origens, unidas pelo desejo de construir uma nova vida, adaptando-se ao clima tropical e à natureza exuberante da região. Conforme Lapa e Amorim (2020, p. 35), Aracaju surgiu “sem passado e livre”, atraindo indivíduos motivados pela busca de novas oportunidades.

Como Lapa e Amorim no artigo referenciado acima, muitos estudos na área educacional, evidenciam a cidade para localizar ou até mesmo explicar as medidas utilizadas na ampliação das oportunidades educacionais. Assim conseguem demonstrar a expansão da escolaridade e o processo de urbanização, porém acabam deixando de lado as práticas culturais do espaço urbano e suas relações com as práticas escolares.

Aracaju passava por um processo de urbanização e embelezamento da cidade, principalmente a partir do “Plano de Pirro”¹, que foi o plano do traçado da cidade, que se configurou o núcleo inicial, o centro político, administrativo, comercial, educacional e cultural da

1 Pirro é o sobrenome do engenheiro militar que foi contratado pelo presidente da província Inácio Barbosa para planejar a cidade de Aracaju. Escolheu-se a nomenclatura Quadro de Pirro por entender a regularidade do seu traçado, seu formato quadrado e ortogonal, com as quadras e vias de dimensões idênticas.

nova capital, idealizado pelos engenheiros militares major Sebastião José Basílio Pirro e capitão Francisco Pereira da Silva.

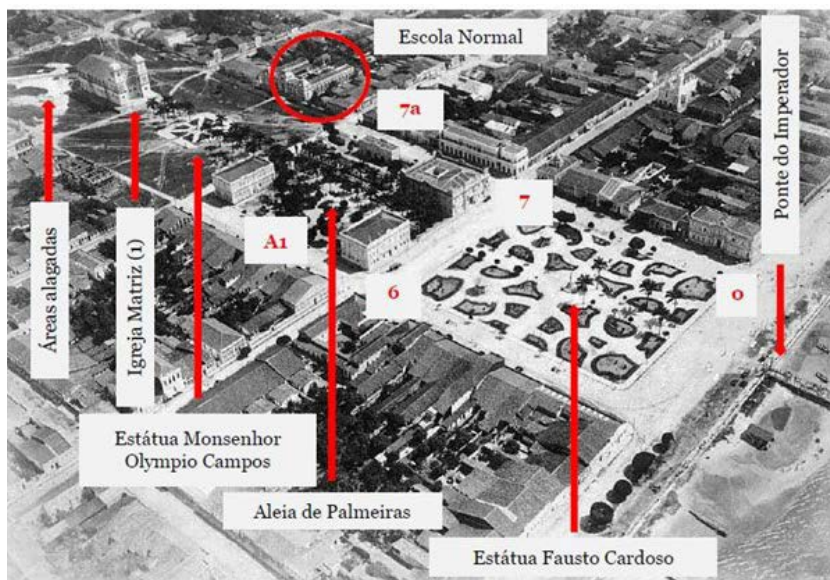
O modelo utilizado, no formato de um tabuleiro de xadrez, foi a solução para o traçado da nova capital, localizada à margem direita do rio Sergipe. No Quadro de Pirro² foram construídos, todos os edifícios públicos necessários para a consolidação da cidade, sua malha viária urbana, os serviços de infraestrutura e quatro edifícios escolares construídos com essa finalidade, e localizados no quadro central, como ilustra a imagem abaixo.

No chamado Quadro de Pirro foram edificadas os edifícios públicos necessários para a consolidação da nova capital, sua malha viária, a infraestrutura urbana e principalmente quatro dos doze edifícios escolares construídos e inaugurados com a finalidade de sediar o ensino público primário, secundário, normal e profissionalizante. (Lapa e Amorim, 2020). Dentre esses, instalados entre 1911 e 1926, destacam-se: Atheneu Sergipense, na Praça Almirante Barroso (1872 a 1913); a Escola Normal (1911 a 1950), na Praça Olímpio Campos; Atheneu Sergipense, na Praça Camerino (1913 até os dias atuais); Grupo Escolar General Siqueira (1914 a 1925), (D) Grupo Escolar Barrão de Maruim (1917 a 1950), Grupo Escolar General Valladão, na R. Itabaiana (1918 a 1923); Grupo Escolar General Valladão, na Av. Carlos Burlamarqui (1923 até dias atuais); Liceu Profissionalizante Coelho e Campos (1923 até dias atuais), Grupo Escolar Dr. Manoel Luís (1924 até dias atuais) Instituto de Química Industrial (1923 a 1926), Grupo Escolar José Augusto Ferraz (1925 até dias atuais), Atheneu Sergipense, na Av. Ivo do Prado (1926 a 1969).

2 Aracaju é cidade com configuração espacial baseada em projeto do Engenheiro Militar Sebastião Basílio Pirro, que, segundo Santos (2014), apresentava traçado ortogonal bem simplificado com 32 quadras simétricas de 110m x 110m (55 braças de lado), separadas por vias de medidas iguais de 13,20m (60 palmos), prevendo extensão do projeto para 1.188m (540 braças) iguais nas direções norte, oeste e sul a partir do antigo Palacete Provisório. (Lapa e Amorim, 2020, p. 36)

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 1: Vista Aérea do Centro de Aracaju (1924)



Fonte: Lapa e Amorim, 2020, p. 35.

As instituições escolares acompanharam essas mudanças em seus aspectos e composição, cujos espaços educativos foram surgindo como verdadeiros monumentos pela imponência de sua arquitetura escolar. Pois, os estabelecimentos de ensino surgem como local de aprendizado e como fonte de cultura, diretamente conectado ao desenvolvimento da cidade. Sobre esse movimento Magalhães afirma que:

A disposição arquitetônica dos prédios, a distribuição e ordenação dos espaços, a orientação estética, a acessibilidade influencia o cotidiano educacional, quanto à materialidade e à funcionalidade, mas também afetam as representações e os modos de estar, vivenciar, relacionar-se, referenciar e projetar por parte de todos os membros de uma comunidade educativa. (Magalhães, 2004, p.144)

Essa movimentação feita nas primeiras décadas do século XX, levou o Governo a planejar um novo modelo de educação, capaz de expressar o discurso inovador da modernidade e se consolidar como símbolo, que deveria orientar a população, tornando-a produtiva e disciplinada. De acordo com Azevedo (2003), caberia a escola orientar os indivíduos, incorporando novos hábitos e vigiando suas condutas, seguindo os passos do reordenamento urbano que se desenhava.

Com esse crescimento urbano, a escola foi concebida como um local público, tendo assim a responsabilidade na disposição da aptidão dos conhecimentos indispensáveis para que o estudante possa entender o meio urbano ao qual habitam, enfatizando assim, os seus compromissos como cidadãos.

Esse período ficou marcado por movimentos combinados da educação e da escolarização, como a construção de políticas e identidades. Foi uma época em que a parte mais significativa das tradições e das representações foram postas em questão no plano das relações de produção, sendo a cultura escolar interpretada como uma nova realidade.

Os grupos escolares foram o modelo definido pelo Governo com o intuito de representar esse momento com grandiosidade. “Chamados de “templos do saber” ou de “escola republicana”, se caracterizavam por ser um edifício majestoso, bem orientado quanto à ventilação e iluminação, de localização privilegiada no núcleo urbano, um verdadeiro monumento à modernidade”. (Lima, 2016, p.78)

Faria Filho e Vidal (2000) afirma que:

Monumentais, os grupos escolares, na sua maioria, eram construídos a partir de plantas-tipo em função do número de alunos, em geral 4, 8 ou 10 classes, em um ou dois pavimentos, com nichos previstos para biblioteca escolar, museu escolar, sala de professores e administração. Edificados simetricamente em torno de um pátio central ofereciam espaços distintos para o ensino de meninos e de meninas. (Faria Filho e Vidal, 2000, p.25)

A cultura dos grupos escolares atravessou o século XX, estabelecendo uma referência para a organização seriada das classes, para a utilização fundamentada do tempo e dos espaços, e para o controle do trabalho das professoras, dentre outros aspectos.

As classes mais privilegiadas da capital priorizavam a busca pela educação em instituições particulares, confessionais ou não confessionais, para encaminhar seus filhos e filhas, tendo em vista que, o sucesso que os alunos obtinham nos exames de admissão, credibilizava esses estabelecimentos, bem referenciados e atraíam cada vez mais essas categorias para as suas salas de aulas. De acordo com Cruz e França,

Em Aracaju, como em todo o Brasil, os colégios secundários de orientação leiga ou religiosa, fundados e mantidos por particulares, tiveram um papel relevante desde o século XIX, até a metade do século XX. Esses estabelecimentos, estimulados pela concorrência, formavam a vanguarda do pensamento educacional pela adoção de modernas técnicas de ensino, pelo impulso dado ao estudo da ciência e pela ênfase emprestada às línguas modernas. (Cruz e França, 2011, p.12)

O aumento do número de escolas particulares, se justifica à confortável situação econômica de Sergipe da época, com a exportação da cana-de-açúcar e do algodão. Nunes (1984) afirma que “A partir de 1875, idêntico ao que sucedia no Brasil, em Sergipe cresce o número de colégios particulares. A iniciativa privada passava a oferecer um ensino melhor que o ministrado nos estabelecimentos públicos”. (Nunes, 1984, p. 203)

No sistema educacional dos sergipanos após a Independência de Sergipe (1820), conforme estudos da professora Maria Thétis Nunes, as aulas particulares surgiram em

consequência da promissora economia advinda das atividades agrícolas, como também resposta ao desenvolvimento dos núcleos urbanos. (Mendonça e Silva, 2012, p.47)

Nunes (1984) afirma que “A partir de 1875, idêntico ao que sucedia no Brasil, em Sergipe cresce o número de colégios particulares. A iniciativa privada passava a oferecer um ensino melhor que o ministrado nos estabelecimentos públicos”. (Nunes, 1984, p.128)

Conforme Pimentel (2014), entre as instituições de ensino particulares do período, que se destacavam por oferecer uma proposta pedagógica diferenciada daquela oferecida pelas escolas públicas, podemos citar: o Colégio Nossa Senhora Santana (1848-1906), conhecido por sua proposta bilíngue, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1924), o Colégio Boa Esperança (1907), o Colégio Tobias Barreto (1909), o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora (1911), o Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938), o Colégio Patrocínio de São José (1940), o Colégio Pio X (1954), o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1957) e o Colégio Tiradentes (1962), objeto deste estudo. A escolha desses colégios se justifica por sua representatividade na oferta de educação privada de qualidade no período e por sua influência na formação de diversas gerações de sergipanos.

Essas escolas eram as que mais se faziam presentes nos jornais locais com anúncios propagandísticos e editais sobre matrículas, convocação de reuniões, programação esportiva e cultural, aulas inaugurais, professores contratados ou aprovados em concursos de cátedra etc. (Graça, 2002, p.50)

Graça (2002) enfatiza ainda que “Num cômputo geral, esses colégios se constituíam em importantes equipamentos culturais de Aracaju. Congregavam no quadro docente, figuras destacadas no magistério sergipano, homens e mulheres que influenciaram no ambiente cultural da cidade”. (Graça, 2002, p.51)

Os jornais que circulavam no período são uma importante fonte para perceber esse movimento no campo a educação em Aracaju e Sergipe. Podemos encontrar nos jornais sergipanos do período como, A Cruzada - 1922 a 1970, A Defesa - 1945 a 1987, Sergipe Jornal - 1921 a 1965 e Folha Popular - 1955 a 1964 anúncios dos mais variados tipos sobre essas instituições. Um dos temas dos anúncios eram a abertura das matrículas, como podemos vislumbrar na imagem abaixo, do colégio, Colégio Arquidiocesano, para a primeira série do Ginásial.

A propósito da forte presença dessas instituições na imprensa, Carvalho (1989) lembra que “como símbolo da nova ordem, a escola devia se fazer ver. Isso explica a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares e de outras realizada por essas instituições, principalmente as instituições particulares”. (Carvalho, 1989, p. 25)

Imagem 2: Anúncio Colégio Arquidiocesano

COMUNICAÇÃO AOS PAIS

Já se encontram abertas as inscrições aos exames de Admissão à 1ª série ginásial do COLEGIO ARQUIDIOCESANO “S. CORAÇÃO DE JESUS”. Os referidos exames realizar-se-ão nos dias 1º e 2 de dezembro próximo. No momento da inscrição, os alunos deverão apresentar os seguintes documentos:

1º — Registro civil - 2º — Certificado de conclusão do curso primário - 3º — Provas de sanidade física, mental e de imunidade antivaricólica - 4º — Três (3) fotografias 3x4.

Outras informações poderão ser obtidas, diariamente, das 8 às 12 e das 13 às 18 horas, na Secretaria do COLEGIO ARQUIDIOCESANO “S. CORAÇÃO DE JESUS”, à Praça Camerino 181, nesta Capital.

Aracaju, 11 de novembro de 1965.

Pe. José Carvalho de Sousa
Diretor do Colégio Arquidiocesano “S. Coração de Jesus”

Fonte: Jornal “A Cruzada” 14/11/1965, disponível no SIBIUPS.

Muitos desses alunos eram originários do interior do estado, por isso eram necessários a importância dos pensionatos com ambiente familiar, e em alguns, a separação por gêneros. De acordo com Conceição (2016, p. 82) “A maior parte das famílias sergipanas somente recorria aos internatos localizados em outras províncias para que seus filhos cursassem o ensino secundário com idade entre 12 e 15 anos, mais ou menos”.

Imagem 3: Anúncio Pensionato 1

PENSIONATO – Estudantes Primários

Família de bons costumes aceita como hóspedes, meninos do curso primário vindos do interior do Estado para estudarem nesta cidade FORNECE marmitas para o ALMOÇO DO MEIO DIA à famílias desta capital. VENDE dois balcões e três prateleiras seminovos, em perfeito estado, de madeira excelente e acabamento perfeito, próprios para ARMAZEM. Tratar tudo à rua Santa Luzia, 758 – Esquina com a rua Riachuelo, vizinho à Legião Brasileira de Assistência, em Aracaju, pessoalmente com o senhor Edmundo Moraes.

Fonte: “Sergipe Jornal” 12/01/1963, disponível no SIBIUFS.

Imagem 4: Anúncio Pensionato 2

ESTUDANTES

Pequeno pensionato exclusivamente familiar aceita limitado número de estudantes primários ou ginásianos até 15 anos de idade, à rua Santa Luzia nº 758, com Riachuelo, vizinho da Legião Brasileira de Assistência em Aracaju — Sergipe.

Fonte: “Sergipe Jornal” 04/10/1964, disponível no SIBIUFS.

Nos anúncios acima são divulgados alguns desses pensionatos para estudantes do primário e ginásianos, onde podemos ver a necessidade desses locais por conta do que foi dito anteriormente sobre o processo de migração cultural, que resultou numa procura maior de escolarização adequada para as crianças tanto da nobreza, quanto das malhas rurais e urbanas de Sergipe. É importante destacar o tempo em que foi publicado o primeiro anúncio do segundo, que apesar de próximos, são em anos distintos, mas com a mesma finalidade.

Nos anúncios dos “Colégios de Meninos” e “Colégios de Meninas”, os diretores-proprietários dos estabelecimentos informavam às famílias a respeito de variados aspectos dos colégios-internatos, tais como o endereço, as condições de salubridade do local, o espaço físico, os serviços ofertados, o ensino e os professores. Informavam também sobre as condições para o ingresso no internato, como o enxoval, obrigatoriedade de vacinação, idade, grau de instrução, valores e condições de pagamento da pensão e de outros serviços oferecidos pelo estabelecimento. (Conceição, 2016, p.22)

As publicações de anúncios em jornais ou em almanaques, foi uma estratégia muito utilizada por proprietários de colégios masculinos e femininos da cidade de Aracaju, com o objetivo de atrair o fluxo desses alunos, com recursos, para os seus estabelecimentos.

Em nossa busca sobre o movimento educacional na cidade no período em que direcionamos nosso olhar tivemos acesso aos documentos do Arquivo Público da cidade de Aracaju, localizado na R. Estância, 36 – Centro, Aracaju/SE; onde acessamos importantes informações sobre a educação da época, em jornais, revistas e outras publicações.

Dentre esses jornais que foram utilizados como fonte para esta pesquisa, podemos citar o impresso “Diário Oficial” do ano de 2 de setembro de 1960. Nesta edição encontramos algumas notícias, relacionadas aos processos seletivos e as listas de aprovados da época, de algumas instituições, como da Escola Técnica do Comércio de Sergipe, onde podemos notar a grande presença de mulheres, demonstrando que o gênero feminino cada vez mais abria seus espaços na educação.

Imagem 5: Anúncio da Escola Técnica do Comércio de Sergipe

- 2 SABADO, 9

ESCOLA TÉCNICA DO COMÉRCIO DE SERGIPE

**RELAÇÃO DOS ALUNOS APROVADOS
2ª SÉRIE DO CURSO COMERCIAL BA-
SICO TURMA "A", NO ANO DE 1959**

1	— Maria Leda Barbosa Porto	816
2	— Maria Aurenília de Jesus	772
3	— Clise Mendes Lessa	734
4	— Altair Resende Sá	714
5	— Maria do Carmo de Jesus	676
6	— Maria Luiza Vidal	668
7	— Marinalva Queiroz Meneses	639
8	— Maria Vilma Fonseca	638
9	— Maria Rivanda Bezerra	614
10	— Altair Ribeiro Santana	612
11	— Maria Edelzuita Santos	604
12	— Gedalva Santos	602
13	— Magnolia Lima Costa	6
14	— Ivanilde Ribeiro Silveira	584
15	— Reilda Leite Morais	557

**ALUNOS QUE PODEM FAZER 2ª EPO-
CA POR MATERIAS**

Aldeci Almeida Marques	— Matemática
Analia Dias Santana	— Portugues
Cezunice Alves Oliveira	— Portugues
Gildete Maria Nascimento	— Portugues e Ingles
Helena Maria Nascimento	— Portugues
Ieda Mendonça	— Portugues
Maria Clara do Prado Melo	— Portugues
Maria Helena Mendonça	— Matemática
Maria Helena Xavier	— Ingles
Maria Josefa A. Araujo	— Ingles
Maria de Lourdes V. Araujo	— Ingles e Portugues
Maria Lucia Santos Bomfim	— Portu- gues
Maria Celia Vitoria	— Portugues

Fonte: Jornal "Diário Oficial" 02/09/1960, foto tirada pela autora no Arquivo Público de Aracaju.

De acordo com Graça (2002), a Escola Técnica do Comércio de Sergipe, era mantida pelo poder estadual, porém devido à rigidez em seus exames de admissão, representava uma alta seletividade entre meninos e meninas, e acabava alcançando um público vindo de famílias mais abastadas da sociedade sergipana.

Os exames de admissão para o nível ginásial integraram um marco importante para a história da educação brasileira, pois ninguém chegaria ao secundário sem antes passar por essa política avaliativa. Quando esse exame se tornou obrigatório, também estabeleceu o primeiro passo para a seletividade daqueles que chegariam ao ensino superior. Como afirma Graça (2002):

Salvo por um ou por outro percalço da vida, essas escolas quase não produziram excluídos ou "deserdados da sorte". Via de regra, o processo de exclusão já tinha sido feito nos anos de escola primária, especialmente com a nova "filtragem" promovida pelos exames de admissão. (Graça, 2002, p.56)

O exame de admissão durante quatro décadas foi a linha que separava o ensino primário, do secundário e contribuiu como uma prática de entrada no processo de seleção à seguimento dos estudos. De acordo com Gama e Almeida (2018):

Os exames de Admissão foram instituídos em 1934, antes da Era Vargas e eram obrigatórios para os alunos que tivessem 11 anos e concluído o Ensino Primário de 4 anos. O referido exame foi criado no Brasil com o advento da Reforma Francisco Campos. Passaram por muitas alterações por meio de decretos e portarias até seu cerceamento em 1971, momento em que se instituiu a escola integrada de oito anos. (Gama e Almeida, 2018, p.14)

Segundo Rocha (2010), o exame de admissão para o ginásio era bastante temido e provocava muita instabilidade e nervosismo, não só para os alunos, como também para os pais. Aqueles que não conseguiam a aprovação para o curso ginásial, eram obrigados a frequentar os cursos de admissão ao ginásio. Esses cursos, com duração de um ano após a conclusão do curso primário, normalmente eram particulares, ministrados por professores especializados nas matérias exigidas.

Assim, podemos entender que o exame de admissão operava uma seleção que refletia nitidamente as camadas sociais da população, pois vinha favorecendo, sistematicamente, os que pertenciam a um nível mais elevado, enfatizando os valores desenvolvidos pelo estrato social ali representado. Os alunos só teriam acesso em uma instituição de ensino secundário com a aprovação nos testes de admissão. Também tinha por objetivo verificar se o candidato possuía satisfatória instrução primária para ingressar na primeira série ginásial.

Ao folhearmos os jornais e impressos sergipanos, com o olhar direcionado para os fenômenos da história da educação, ou seja, como fontes importantes de análise do historiador da educação, percebe-

-se como desempenharam um papel importante para o entendimento do movimento educacional, principalmente das escolas particulares que utilizavam a imprensa na divulgação de suas instituições. Apresentando para a sociedade como cada um se diferenciava do outro no que oferecia no âmbito da oferta de cursos.

No jornal “Diário Oficial” existia um setor direcionado para anúncios relacionados a educação, não só pública como particular. Por ser um impresso oficial o Diário divulgava as datas dos exames, das matrículas, lista de aprovados e etc., como exemplificamos na imagem abaixo.

Imagem 6: Anúncios do Departamento de Educação

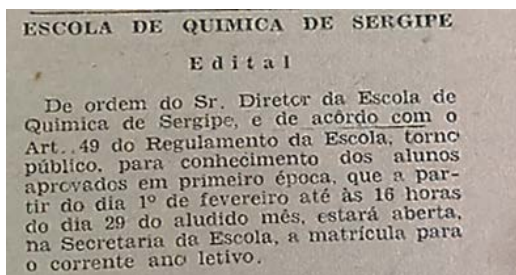


Fonte: Jornal “Diário Oficial” 28/01/1960, foto tirada pela autora no Arquivo Público de Aracaju.

Outros temas podem ser encontrados como, informações sobre os cursos de aperfeiçoamento e sobre o colégio estadual de Sergipe. Relativamente ao ensino particular encontra-se nessas publicações também a divulgação de chamadas para matrículas, processos seletivos e lista de aprovações. Como podemos ver nas Imagens 6 e 7:

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 7: Anúncio da Escola de Química de Sergipe

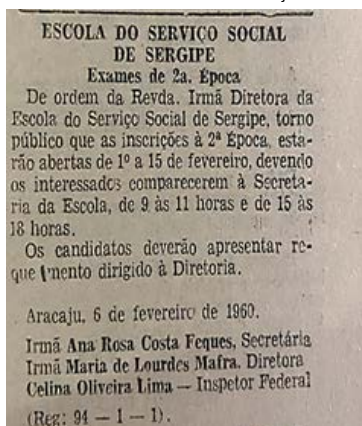


Fonte: Jornal “Diário Oficial” 11/02/1960, foto tirada pela autora no Arquivo Público de Aracaju.

Nos anúncios encontrados referentes ao edital da Escola de Química de Sergipe, nota-se que o processo seletivo acontecia duas vezes por ano. Como era comum, a lista de aprovados e reprovados eram divulgadas nos anúncios dos jornais da cidade, e muitos dos alunos que não conseguiam a aprovação na primeira seleção se inscreviam para tentar a aprovação no período seguinte.

A Escola do Serviço Social de Sergipe, era mantida pela Igreja, o que explica sua administração, como podemos ver na Imagem 8, ser composta por “Irmãs”. As duas Escolas faziam parte da Universidade Federal de Sergipe, só que a de Química era mantida pelo governo do Estado.

Imagem 8: Anúncio da Escola do Serviço Social de Sergipe



Fonte: Jornal “Diário Oficial” 11/02/1960, foto tirada pela autora no Arquivo Público de Aracaju.

Como essas e outras instituições o Colégio Tiradentes também utilizou jornais para fazer chegar à sociedade, como a 1ª Festa de São João do Colégio Tiradentes, divulgada pela Gazeta de Sergipe, em 1962, como ilustrado abaixo.

Imagem 9: 1ª Festa de São João do Colégio Tiradentes - 1962



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe nr. 7.067 - 26/04/1982.

O surgimento de uma escola geralmente está relacionado ao processo de ocupação do espaço urbano e, em consequência, à demanda de unidades educacionais por conta do crescimento demográfico das cidades. Além de que, a diversificação escolar num município contribui diretamente para reduzir o surgimento de problemas sociais, como o analfabetismo, a criminalidade, dentre outros.

O cenário era completamente favorável para o surgimento de novos colégios, e tratando do surgimento do Colégio Tiradentes, o professor Jouberto Uchôa de Mendonça, já possuía grandes experiências com educandos e educadores, pois desempenhou inúmeros cargos à frente de Colégio Pio X, quando se viu preparado para abrir sua própria escola. Isso nos permite dizer que a educação em Aracaju se expandiu, possibilitando a inauguração de várias escolas, dentre elas, o Colégio Tiradentes.

2.2 UM COLÉGIO PARA A MOCIDADE SERGIPANA: TRAÇANDO AS ORIGENS DO COLÉGIO TIRADENTES

Apresentar uma pesquisa sobre o Colégio Tiradentes sem destacar a trajetória dos seus fundadores é quase uma tarefa impossível. Os seus fundadores, professor Jouberto Uchôa de Mendonça e de sua esposa Amélia Maria Cerqueira Uchôa, tem um protagonismo muito importante no que se refere às suas contribuições para o desenvolvimento da educação em Sergipe. E esse protagonismo se inicia ao fundarem o Colégio Tiradentes, que viria a se tornar posteriormente, a Universidade Tiradentes, que hoje é uma das mais importantes instituições de educação superior do país.

Uma trajetória de vida, pode ser retratada como um aglomerado de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Geralmente é definido pela periodicidade dos acontecimentos, sua duração e localização ao longo da vida. Embora cada história de vida traga em suas narrativas um olhar individual, são repletas de outras conexões e informações sobre a sociedade em que o sujeito está inserido.

A realidade da vida cotidiana aparece objetivada, independentemente da participação do indivíduo. É neste ponto que a linguagem ganha importância, pois é utilizada como fonte dos significados e determinante da ordem em que os objetos adquirem sentido.

Desta forma, a trajetória de vida permite a realização de um processo de aprendizagem do campo individual para o social, possibilitando a compreensão da construção dos aprendizados de acordo com o indivíduo, e suas relações com o contexto geral.

De acordo com Polkinghorne (1995, p.15), o interesse crescente dos pesquisadores a respeito de formas narrativas é conforme sua forma linguística, apropriada para demonstrar a existência humana como uma ação situada. Para ele, a narrativa é observada no sentido de uma história que demonstra a visão do mundo, de uma cultura, reunindo diversos acontecimentos em um episódio único.

Segundo Closs e Antonello (2012),

Embora cada história de vida contenha uma ótica individual, a vida humana engloba uma série de dimensões e traz informações sobre a sociedade em que esta pessoa está inserida, sobre seus valores sociais e culturais, sobre seu contexto histórico e econômico, sobre as organizações e instituições de sua época, entre outros aspectos. Desta forma, a abordagem de história de vida permite levar o escopo de estudo de processos de aprendizagem do âmbito individual para o social, possibilitando uma compreensão destes processos contextualizando-os não apenas no campo organizacional, mas no macro contexto em que ocorrem. (Closs e Antonello, 2012, p.108)

Nesse panorama, entendemos que os pontos abordados aqui podem ser relevantes para o desvelamento da história da instituição na medida em que incorpora trechos da vida dos indivíduos, na tentativa de compreender os acontecimentos vividos pelos sujeitos.

Para entendermos as representações do Prof. Uchôa³ e sua esposa Amélia, utilizamos como fonte algumas obras escritas sobre a trajetória dos instituidores e seus fundadores como: *“Jouberto Uchôa de Mendonça, Vida & Experiência, de Luiz Antonio Barreto (2012)”* e *“Do ginásio ao superior: 50 anos na educação sergipana (1962-2012)” (2012)* obra escrita em parceria com a historiadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva e pelo próprio Prof. Uchoa.

Barreto (2012) em sua pesquisa apresenta a trajetória de vida do fundador da instituição que abrange mais de sete décadas, enfatizando a família, a infância, os personagens e agentes que foram fundamentais no crescimento pessoal e profissional do Prof. Uchôa.

3 Iremos utilizar a denominação Prof. Uchôa, pois é assim que ele é conhecido por todos do seu convívio, evitando a repetição do seu nome completo sempre que for citado.

A segunda obra lançada em comemoração aos 50 anos da instituição apresenta uma pesquisa robusta, partindo do campo da história da educação e tendo como referenciais o campo da história cultural; fazendo um breve aparato sobre sua vida e enfatizando mais na trajetória da instituição.

Como anunciado anteriormente, partimos também do campo da história cultural tendo como referenciais os escritos de Roger Chartier e o conceito de representações a partir do texto “*À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*” (2002), onde ele destaca que para a palavra “representação” existem duas definições e sentidos. De um ponto de vista, a representação faz ver a ausência, distinguindo o que representa e o que é representado. Do outro, é a apresentação de uma coisa ou pessoa.

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’. (Chartier, 2002, p.165)

Deste modo, as representações são a compreensão da realidade a qual os sujeitos fundamentam suas visões a partir de seus interesses e visam construir o mundo social. Assim, os sujeitos e o grupo a qual ele pertence criam representações de si mesmos e de outros grupos. Neste sentido, cabe ao pesquisador perceber e analisar tais representações e suas intencionalidades em agir nas experiências históricas.

O conceito representação sistematizado por Chartier (2002) foi significativo e fundamental no desenvolvimento dessa investigação ao buscar apresentar reflexões sobre o crescimento pessoal e profissional dos fundadores através da sua trajetória de vida. Os conceitos se configuram como suportes teóricos para que os pesquisadores

compreendam as experiências históricas que envolvem as relações sociais, políticas, econômicas e culturais dos sujeitos e seus respectivos grupos.

Jouberto Uchôa de Mendonça ou Prof. Uchôa, como é popularmente conhecido, nasceu no dia 17 de setembro de 1936, natural de Aracaju, filho do casal Jacinto Uchôa de Mendonça, funcionário público e de Cândida Rodrigues de Mendonça, servente de obras públicas, cuja família era constituída em Aracaju.

Ainda criança, no final da década de 1930, foi entregue aos avós maternos, Manoel Rodrigues do Nascimento e Maria José do Nascimento, aos quais residiam no povoado Girau de Ponciano, em Alagoas, onde eram proprietários de um armazém situado em frente à escola municipal onde Uchôa passou a estudar, junto de um dos seus cinco irmãos, Jorge.

Apesar das poucas posses do avô Manoel, que vivia das rendas de um armazém e uma padaria, o menino que saiu de Aracaju levou uma infância farta e feliz. Estudou as primeiras letras com as professoras Nenê e Domitila. A primeira escola, lá em Girau, não sai da sua memória, em especial algumas práticas disciplinares. Alunos e mestres careciam de materiais didáticos para fazer as aulas acontecerem. (Mendonça e Silva, 2012, p.18)

A casa de seus avós era considerada a melhor do vilarejo e contava com a presença da sua bisavó e os tios que residiam na mesma rua, como podemos ver na Imagem 10. Iniciou seus estudos na Escola de Dona Nenê e Dona Domitila, que ficava na praça principal, onde a disciplina era uma regra que deveria ser cumprida rigorosamente.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 10: Casa dos Avós do Prof. Uchôa



Fonte: Barreto (2012, p.13).

Aos 7 anos de idade ele retorna a Aracaju, pois no Girau do Ponciano não tinha como dar continuidade aos estudos. Ao chegar, é matriculado no Grupo Escolar Manoel Luiz, localizado na Avenida Pedro Calazans, próximo à Praça da Bandeira, onde pode concluir seu curso primário em 1949.

De acordo com Barreto (2012) ele trabalhou desde criança ajudando seu avô em sua padaria na produção de biscoitos, pães e torradas. No retorno a Aracaju, algum tempo depois, a casa que seus pais moravam foi pedida de volta, pois pertencia ao Departamento de Obras Públicas, onde sua mãe trabalhava. Assim, a família mudou-se para um imóvel alugado, de dois pavimentos, na Rua Santa Rosa, no centro da cidade, onde seus pais abriram uma pensão que logo se transformou num Hotel por conta da boa aceitação. Foi nesse local, denominado de “Hotel dos Viajantes”, que finalmente o fluxo econômico começou a expandir na Família Uchôa. Segundo Alves Jr,

O sucesso do pensionato foi representativo ao ponto de acomodar ilustres hóspedes como o desembargador Luiz

Garcez Vieira (1927–2009), filho de Júlio Vieira de Andrade e Maria Garcez Vieira; bem como o referenciado advogado Hugo Costa (1934–2010), carioca nascido no bairro Tijuca, apontado como um dos responsáveis pela fundação do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe (TCE/SE) — órgão fiscalizador criado pela Emenda Constitucional nº 2, datada e promulgada em 30 de dezembro de 1969, pelo então governador Lourival Baptista. (Alves Jr, 2022, p.34)

Posteriormente conquistou o seu primeiro emprego na Fábrica Sergipe Industrial, onde trabalhou como Tecelão. Até iniciar sua trajetória educacional, trabalhou na Fábrica Confiança, como auxiliar do principal mestre de Tecelagem do Estado, talvez venha daí sua paixão pelo time de futebol Confiança. Saiu da fábrica para trabalhar na loja “A Moda”, na época a mais sofisticada da Rua João Pessoa, no centro comercial. Alguns anos depois, seu pai conseguiu uma vaga de estagiário no Departamento de Saúde Pública e por fim, aceitou o trabalho como vigia no Colégio Pio X.

Nessa época, seus familiares estavam morando em São Paulo e mesmo assim ele decidiu continuar em Aracaju. O Colégio Pio X passou a ser seu local de trabalho e moradia. Com persistência e dedicação, passou de vigia à servente, posteriormente a bedel e em seguida à auxiliar de secretaria, onde também por muitas vezes exerceu a função de Diretor, na ausência do Professor Manoel Joaquim.

Já iniciado na carreira educacional, realizou estudos pedagógicos procurando qualificar-se para o magistério. Assim, participou da Primeira Jornada de Diretores de Ensino Secundário pela Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura e da Inspeção Seccional de Aracaju, em dezembro de 1959. Estudou na Escola de Comércio de Sergipe e no Colégio Tobias Barreto, neste

concluindo, em 1960, o curso de Contabilidade. (Mendonça e Silva, 2012, p.20)

Em 1960, o professor Manoel Joaquim, diretor do Colégio, precisou fazer algumas modificações no colégio, substituindo o jovem Uchoa pelo seu irmão, precisando assim, dispensá-lo. Nessa época, todo aprendizado adquirido já o qualificava para administrar sua própria escola, pois no mesmo ano concluiu o curso de Contabilidade, no Colégio Tobias Barreto, e com a ajuda do seu pai, comprou equipamentos para instalar uma nova instituição de ensino na capital.

Mesmo enfrentando dificuldades para conciliar as atividades do colégio com seus estudos acadêmicos, em 1968, ingressou no curso de Direito da Universidade Federal de Sergipe, finalizando a graduação em 1972. A partir de então pode se dedicar totalmente as práticas pedagógicas da sua Instituição.

Já Amélia Maria Cerqueira Uchôa, nascida em Aracaju no dia 3 de novembro de 1946, filha de Mauro de Cerqueira Passos, agropecuarista que faleceu quando ela tinha 7 anos de idade, e Leonízia Telles Cerqueira, que se dedicou à administração do lar.

Organizada, prática e objetiva, sentada a sua mesa, além das tarefas básicas (repcionista, telefones, recados), ela datilografava textos, provas e propostas curriculares. A secretária de ontem e vice-reitora de hoje é presença marcante para o bom andamento desse empreendimento educacional. Aliado a tudo isso, com as limitações daquela época e os recursos modernos em comum acordo com o diretor, a sua participação é relevante no fechamento de importantes decisões administrativas. (Mendonça e Silva, 2012, p. 27)

Amélia foi aluna do Colégio Tiradentes, onde estudou por um ano letivo e em 1963, foi transferida por sua mãe para o Colégio Nossa

Senhora de Lourdes⁴, onde concluiu o primeiro grau. A instituição foi criada pelas irmãs sacramentinas, com o apoio do governador do Estado, Maurício Gracco Cardoso, que doou um terreno para sua construção e começou a funcionar em 1925. O prédio era considerado imponente para a época, com muitas salas e janelas amplas, que favoreciam a iluminação natural e um arejamento do ambiente, o que muito o diferenciavam das escolas existentes e como era seguido na época. Segundo Berger (2004, p. 150), em seu planejamento constata a aplicação dos saberes científicos, notadamente da medicina, e dentro dessa, da higiene, preceitos muito presentes no discurso acadêmico do início do século. Entre seus cursos o colégio ofertava o primário e ginásial, passando depois a oferecer o Curso Normal e Científico.

Imagem 11 – Fachada da Capela e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Aracaju, década de 1940



Fonte: (Berger, 2004, p.153).

4 O Colégio Nossa Senhora de Lourdes era dirigido por freiras, as Irmãs Sacramentinas, e era voltado para a educação cristã feminina. O Prédio foi construído em um terreno doado pelo presidente do Estado Maurício Gracco Cardoso, e a sua inauguração aconteceu no dia 25 de dezembro de 1924. A Instituição encerrou as suas atividades em 1974, sendo o prédio vendido a uma construtora local que o transformou em um Shopping com lojas populares. Antes do Shopping, funcionou também no local, uma Repartição da Prefeitura Municipal de Aracaju. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/aracaju-antigo-colegio-nossa-senhora-de-lourdes/#!/map=38329&loc=-10.90713500000016,-37.04955799999999,17>. Acesso em: 29 mar. 2023.

Sobre essa instituição Miguel André Berger afirma,

Analisando o cotidiano e as práticas educativas que se concretizavam no colégio tem-se que as alunas eram submetidas a um sistema de controle, com espaços e horários delimitados, sendo que as práticas pedagógica e avaliativa, de natureza tradicional, visavam à formação de jovens submissas, cultas e com boas maneiras. O controle, além de disciplinar o corpo, também atingia a mente e a alma. Visava controlar os impulsos, os risos, enfim, os sentimentos e as emoções. A ênfase no ensino de religião contribuía para veicular as normas e dogmas da religião católica e a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir suas funções de mãe e de esposa, de acordo com o perfil que a sociedade daquela época mantinha em relação ao sexo feminino. (Berger, 2004, p.153)

Assim, podemos perceber que a prática pedagógica realizada nesse colégio contribuía para uma aprendizagem voltada para a formação do caráter das alunas, atendendo aos preceitos da época.

Amélia começou a trabalhar no Colégio Tiradentes sem nenhuma experiência e após alguns anos participando ativamente na área educacional ao lado de seu esposo, buscou se aperfeiçoar na área. Concluiu sua graduação em Pedagogia na Faculdade de Estudos Sociais Aplicadas de Aracaju, da Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo, em 1991. E em 1992, deu seguimento em seus estudos no curso de Pós-graduação *Latu Sensu* em Administração e Gerência de Unidade de Ensino, realizado nas Faculdades Integradas Tiradentes.

Amélia é parte de relevo no trabalho há mais de quatro décadas, que um dia sonhou realizar. Com sua ajuda, os sonhos se tornaram realidade e a realidade foi posta a serviço da terra e da gente de Sergipe, alongando as suas ações

em Maceió, nas Alagoas, e noutras partes, antes mesmo de utilizar a linguagem da comunicação a distância, democratizando e facilitando ainda mais aos jovens a oportunidade de crescer através dos estudos. (Barreto, 2012, p.183)

Observar esta longa jornada de educadores nordestinos, trouxe à tona as representações desses agentes, bem como a organização da escola e as práticas educativas observadas como práticas culturais, concebidas como forma de percepção pelos quais “os agentes sociais concebem o mundo, justificam suas escolhas, produzem estratégias e práticas”. (Chartier,1990, p.17)

A instalação do Colégio Tiradentes foi motivada por um ideal que se consolidou ao longo dos anos depois de enfrentar inúmeras dificuldades, inclusive financeiras.

A implantação do Colégio Tiradentes foi cuidadosamente planejada. A começar pelo nome da escola. Primeiro fez um levantamento de nomes de pessoas importantes da História de Sergipe, tendo constatado que todos os grandes nomes da História do Estado, já haviam sido homenageados com os seus nomes em unidades de ensino do Estado. Foi quando em conversa com a sua Mãe, Cândida Rodrigues de Mendonça, ela sugeriu um nome de repercussão nacional e indicou o nome de Tiradentes, pois havia conhecido em São Paulo um colégio com esse nome. (Barreto, 2012, p.52)

Nesse percurso, vale acentuar a presença do Prof. Uchôa, que desde o início ficou à frente da direção do ginásio, do Colégio, da Faculdade e é hoje o reitor da Universidade Tiradentes.

2.3 INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO E TRANSFERÊNCIA PARA SEGUNDA SEDE

A história das instituições educativas é uma das abordagens que se desenvolveram no campo da história da educação nas últimas décadas. A pesquisa sobre as instituições escolares, de modo geral, é fundamental para a compreensão da educação em qualquer contexto espaço-temporal.

Os estudos relacionados a história de uma instituição educativa se constroem entre a materialidade e a representação, se colocando à frente de desafios e impulsionando novos olhares acerca da historiografia das instituições. Estudos esses que foram fundamentais na construção dessa pesquisa, que faz uma análise da história do Colégio Tiradentes, que desempenhou um papel importante para a educação do estado. De acordo com Magalhães:

Genericamente, historiar uma instituição é compreender e explicar os processos e os ‘compromissos’ sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto. (Magalhães, 2004, p. 58)

A história de uma instituição educativa começa pela interpretação de fatos acontecidos, das memórias e do arquivo, para que assim, possa fundamentar sua identidade histórica. Segundo Gatti Junior (2002), a história das instituições educativas investiga o que acontece em seu interior pela “apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos”. (Gatti Junior, 2002, p.30)

Portanto, compreender a história institucional através de uma investigação neste campo, contribui também para entender a cultura

escolar daquela instituição e como ela é transmitida no seu interior e exterior, para assim, ser entendida sua identidade. Vale ressaltar que ao tratarmos da história da instituição educativa, não podemos esquecer da cultura escolar, que segundo Juliá (2001) vem a ser “[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. (Juliá, 2001, p.9)

Sendo assim, o significado do conceito cultura escolar se mostra importante diante da necessidade de entendimento dos processos escolares históricos e atuais. A compreensão e o significado como conjunto de práticas que conferem determinados significados aos lugares e aos indivíduos, no propósito de construir possibilidades de investigações histórico-educativas.

Desta forma, compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, é compreendê-la de forma participativa de forma mais ampla no sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas.

Ressaltamos neste trabalho o quanto é relevante compreender a cultura escolar que se desenvolve no âmbito do Colégio Tiradentes, em meio à sua história, analisando suas práticas educativas e o espaço como lugar de aprendizado e formação de diferentes indivíduos.

Antes da inauguração do colégio, em 1960 especificamente, Prof. Uchôa iniciou um longo processo de planejamento e organização para a edificação da instituição de ensino primário e secundário.

A respeito do significado da palavra “ginásio, é mister informar que, na Grécia antiga, o vocábulo *Gymnasion* era utilizado para definir o local usado para as práticas de aulas de Educação Física. No entanto, segundo outras fontes documentais, Ginásio é um tipo de escola destinada para o ensino secundário em alguns países, e que os brasileiros se apropriaram do vocábulo para nominar suas escolas que ofereciam os cursos primário e gina-

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

sial (corresponde à segunda fase do ensino fundamental).
(Mendonça e Silva, 2012, p.54)

Assim iniciou a busca pelo imóvel que iria sediar sua instituição, e com a ajuda de seu pai, o senhor Jacinto Uchôa de Mendonça, ele alugou uma casa na Rua Laranjeiras, nº 567, que pertencia a família da senhora Elza Valadares.

Pensando na identidade da instituição, a escolha do símbolo para o colégio foi uma das primeiras ações encaminhadas, antes mesmo do seu efetivo funcionamento, pois deveria expressar os valores e os propósitos de seus agentes. Assim, o escudo do Colégio Tiradentes, como podemos ver na Imagem 12, foi idealizado pelo seu fundador.

Imagem 12: Primeiro Escudo do Ginásio Tiradentes em 1962



Fonte: Barreto (2012, p.110).

Sobre o escudo Mendonça (2012) nos informa que:

O escudo português esquartelado apresenta o seguinte significado: na faixa horizontal superior em fundo branco lê-se a inscrição Ginásio Tiradentes, na cor verde; no primeiro e quarto quadrantes, barras contínuas inclinadas da esquerda para a direita, alternando-se nas cores verde e

amarela; no segundo quadrante, em fundo branco, as iniciais G(inásio) e T(iradentes) e dois desenhos de elementos usados nas práticas escolares (um livro e uma pena), todos na cor verde; no terceiro quadrante, em fundo branco, a palavra Aracaju, da mesma cor, uma deferência à cidade a onde a escola foi sediada. (Mendonça e Silva, 2012, p.55)

Como já enfatizado, seu pai o ajudou na compra da mobília, materiais e livros para o funcionamento da escola, e após dois anos de espera, em 1962 inicia as atividades do Colégio Tiradentes com o curso ginásial e com os cursos infantil, pré-primário, primário e pedagógico. No dia 1º de março, após receber a aprovação da Inspeção Seccional do Ensino Secundário, o Colégio Tiradentes iniciou as suas atividades com as seguintes turmas: Infantil, Primário, Ginásial, Contabilidade e Pedagógico. Fizeram parte do Corpo Docente. Abaixo podemos ver na Imagem 13 a primeira reunião de alguns professores, realizada em fevereiro de 1962, antes de iniciar as atividades do Ginásio Tiradentes.

Imagem 13: Primeira reunião de professores do Ginásio Tiradentes



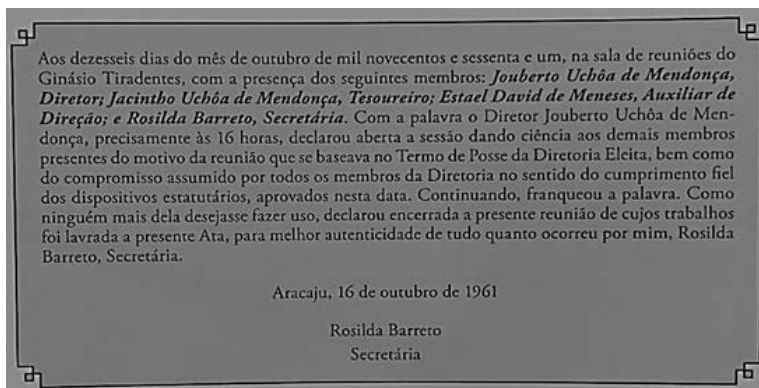
Fonte: (Alves Jr. 2022, p.114).

Da esquerda para a direita podemos ver o prof. Uchôa, diretor do Colégio Tiradentes, professor “Carlinhos” de matemática,

professora Vanda Santana Marcena, ensinava Geografia e História e professora Vera Franco, de Inglês. Vale ressaltar que o professor ao lado de Uchôa e a última da direita não foram identificados. O corpo docente contou ainda com os professores, Raimundo Ariquitiba Lobão, Cecília Teixeira, Manoel José Cardoso, Renato Valois das Chagas, Elze do Prado Barreto, José Joaquim D’Ávila Melo, Maria do Carmo de Melo Maynard, Maria Edna de Barros, Elisete Batista Nogueira, Maria Hermínia Caldas, Lourivalda Maria Lima Gomes, Maria Helena de Campos, Peres Pires Wynne, Conrado Almeida Alves, Felix D’Ávila, Maria Lígia Madureira Pina, Cacilda Oliveira Wiltshire, Cândida Viana Ribeiro, Duclere Chaves, Elodia Caldas Barros, Rinaldo Uchôa de Mendonça, José Carlos de Souza, Lúcia Viana Ribeiro e José Gama Moreira.

Instituído em 16 de outubro de 1961, pela Sociedade Tiradentes de Cultura, como, podemos ver na Ata de posse abaixo na Imagem 14, sua organização administrativa era composta pela diretoria, secretaria, tesouraria, administração, corpo docente e orientadores educacionais.

Imagem 14: Ata de posse da Primeira Diretoria do Ginásio Tiradentes



Fonte: (Mendonça e Silva 2012, p.55).

Posteriormente após toda tramitação do processo de verificação para o funcionamento do Colégio, o Diário Oficial do Estado de Sergipe, publicou no dia 2 de dezembro de 1961 os estatutos da Sociedade Mantenedora do Ginásio Tiradentes. Como podemos ver na Imagem 15.

Imagem 15: Estatutos da Sociedade Mantenedora do Ginásio Tiradentes



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.53).

A escola foi fundada com seu nome relacionado a uma homenagem ao patrono cívico da República Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes.

O Colégio foi instalado nos seus primórdios em uma residência antiga de características ecléticas⁵, que segundo Barreto (2012), foi adaptada de acordo com as exigências legais.

Em 21 de abril de 1962 a instituição foi oficialmente inaugurada, dando início ao primeiro semestre letivo. No ano seguinte a sua inauguração, houve um investimento na criação de mais dois cursos: Técnico em Contabilidade e Técnico em Administração, passando a ficar cada vez mais presente na sociedade sergipana por meio do seu crescimento.

5 A arquitetura eclética surgiu por volta da metade do século XIX. O estilo, que mistura diversas vertentes, tem forte influência do seu período histórico, estando intimamente ligado às revoluções industriais da Europa e dos Estados Unidos.

Diante do representativo impulso funcional da recém-criada instituição ginasial, já no ano seguinte, ainda no primeiro trimestre, foi a vez de a gerência estadual de educação permitir que a instituição passasse a oferecer aos sergipanos os cursos técnicos de Pedagogia, Contabilidade e Serviço Administrativo. Avanços graduais, mas que mostravam na prática a perspectiva de avanço e crescimento da unidade até então apenas escolar. (Alves Jr., 2022, p.117)

O curso de contabilidade do Colégio teve a sua primeira turma formada no ano de 1963 e em 1966 foi criado o 1º Curso de Contabilidade Diurno. Neste mesmo ano, nas comemorações do 4º aniversário do Colégio foi prestada uma homenagem ao locutor da Voz da América, o sergipano Wolney Silva.

Em 1964, aconteceu a formatura da 1ª turma de Professores do 1º Curso Pedagógico Noturno do Estado de Sergipe.

Entre as atividades marcantes realizados pela instituição, Barreto (2012), destaca os desfiles organizados, não só no dia 7 de setembro, mas em diversas datas comemorativas como, no Dia de Tiradentes e a da Mudança da Capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju (17 de março). Um fato interessante a se destacar sobre esse desfile especificamente era que apenas o Colégio Tiradentes, junto ao Museu de Arte e História Rosa Faria⁶ se faziam presentes na comemoração do dia 17 de março. Tratava-se de uma tradição do colégio, onde o ato cívico era realizado pelas ruas da cidade em direção ao Museu de Arte e História Rosa Faria, para uma visita, e os alunos ouviam uma saudação da historiadora, Rosa Faria, que narrava os fatos para justificar a mudança da capital.

Recorda que a Professora Rosa Faria morreu sem realizar

6 O Museu de Arte e História Rosa Faria compõe uma das salas do Memorial de Sergipe. Foi criado em 1968 pela professora, pesquisadora e artista plástica Rosa Faria, em sua própria residência, funcionando inicialmente como “Galeria Rosa Faria”, e passou a ficar sob responsabilidade da Universidade Tiradentes em 1997, ano de falecimento da artista.

um de seus maiores sonhos: contar com a presença de autoridades e personalidades públicas na programação que organizava para lembrar a mudança da Capital sergipana. Dias antes da solenidade, a Professora percorria gabinetes de Prefeito, Governador e Secretários fazendo um convite pessoal para estarem presentes. (Barreto, 2012, p.100)

É importante salientar que após a sua morte, houve uma mobilização por parte de amigas da professora Rosa Faria, com o objetivo que o professor Uchôa tentasse um acordo com a irmã da historiadora para impedir que seu acervo fosse vendido e levado para outro estado. O acervo foi incorporado ao Memorial de Sergipe no ano de 1997, pertencente à Universidade Tiradentes, em Aracaju/SE.

O Colégio Tiradentes foi crescendo no cenário educacional sergipano em pouco tempo após sua inauguração, com a criação de cursos profissionalizantes e a procura por vagas de forma intensa, devido a sua rede de sociabilidades, criada junto aos pais dos alunos na época em que atuou no Colégio Pio Décimo.

Multiplicando a rede de amizadas, assim que anunciou publicamente a abertura do Ginásio Tiradentes, cerca de 30% dos responsáveis pelas crianças e adolescentes até então estudantes do Pio Décimo decidiram não renovar a matrícula e migrar para a promissora instituição de ensino. (Alves Jr., 2022, p.113)

Segundo Mendonça e Silva (2012) foram exatos 390 alunos matriculados no primeiro ano de funcionamento do colégio, distribuídos nas turmas como podemos ver na Imagem 16 abaixo.

Imagem 16: Turmas do Colégio Tiradentes no primeiro ano do Colégio

Curso Infantil	Curso Ginásial
9 alunos (mista)	1ª série – Turma A – 42 alunos (mista)
Curso Pré-Primário	1ª série – Turma B – 37 alunos (mista)
13 alunos (mista)	1ª série – Turma C – 40 alunos (mista)
Curso Primário	1ª série – Turma D – 49 alunos – Noturno (mista)
1ª série – 17 alunos (mista)	1ª série – Turma E – 57 alunos – Noturno (mista)
2ª série – 28 alunos (mista)	2ª série – Turma A – 45 alunos (mista)
3ª série – 23 alunos (mista)	3ª série – Turma B – 36 alunos (mista)
4ª série – 17 alunos (mista)	

Fonte: (Mendonça, 2012, p.85).

Em 1966, com o fim do prazo do aluguel onde funcionava o colégio, sua proprietária resolveu recorrer na justiça para retomada do prédio. De acordo com Alves Júnior, “Diante do pedido, o Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJ/SE) convocou a proprietária do prédio, bem como a parte contratante, para participar de uma audiência de conciliação a fim de atender em parte o pedido da requerente”. (Alves Jr, 2022, p.121)

A justiça concedeu, dando um prazo de seis meses para que o proprietário procurasse outro imóvel, também seria o tempo necessário para que encerrasse o semestre. Porém, insatisfeita com o tempo que a Justiça determinou, à proprietária Elza Valadares, desrespeitou a decisão tomada e no dia 25 de fevereiro de 1967, durante a madrugada, invadiu o colégio com o auxílio da polícia local, prendeu dois funcionários que dormiam no prédio e jogou toda mobília na rua. A notícia da invasão foi divulgada na Gazeta de Sergipe.

Imagem 17: Notícia do despejo



Fonte: Jornal “Gazeta de Sergipe” 26/02/1967, disponível no SIBIUFS.

Mesmo com a operação silenciosa, o prof. Uchôa foi avisado e ao chegar no local, foi abordado por um oficial que anunciou a respectiva proibição de deixar qualquer pessoa adentrar ao imóvel.

É importante destacar que desde 1964, após o Golpe Civil Militar⁷, o Brasil seguia sendo administrado pelo Governo Militar, sob o comando do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco⁸ (Castelo Branco), e a voz militar na maioria das vezes era superior a qualquer instância.

Após essa ação o caso foi levado à delegacia plantonista em posse de todos os documentos oficiais com fim de denunciar o que se entendia como um desrespeito às decisões carimbadas em audiência.

Em tempo relativamente rápido, menos de 72 horas depois o pedido foi aceito pelo então juiz de direito Dr. Abdon de Barros Monte. Em seu despacho, o meritíssimo determinou a saída instantânea da proprietária e cumprimento integral da decisão anterior. O prazo de seis meses voltava a ser imposto pelo TJ. Não por muito tempo. Talvez, contando com um apoio paralelo e sigiloso que também jamais foi revelado, a dona do imóvel seguia não atendendo às ordens judiciais. Todo esse conflito sendo protagonizado a menos de 15 dias do reinício das atividades educacionais na instituição. (Alves Jr., 2022, p.124)

Nessa mesma época foram realizados os exames dos vestibulares, referentes aos cursos técnicos de Pedagogia, Contabilidade e Serviço Administrativo, que já eram ofertados na instituição, onde eles realizavam um trote para recepcionar os aprovados. De acordo com Barreto, o trote desse ano os alunos portavam cartazes desfilarando pelas ruas da cidade com frases do tipo:

7 A ditadura militar no Brasil foi um período marcado por mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais, e principalmente, por lutas e repressão. No bojo deste regime autoritário, a educação precisou se ajustar às precárias condições de financiamento, espaço físico, recursos materiais, qualificação profissional, dentre outras.

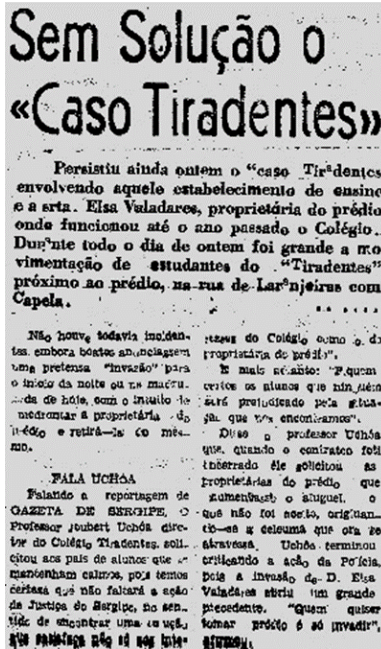
8 Humberto de Alencar Castello Branco foi um militar e político brasileiro. Foi o 26º Presidente do Brasil, o primeiro do período da Ditadura Militar, tendo sido um dos articuladores do Golpe Militar de 1964.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Em Sergipe acontece a Segunda Inconfidência Mineira, Tiradentes executado pela segunda vez”. E mostrava uma força com o cidadão pendurado com o nome de Uchôa, simbolicamente o enforcado era ele. “Outro cartaz trazia a mensagem “Você Tira Dentes, mas não Tira a gente daqui”, numa referência à presença da polícia. (Barreto, 2012, p.102)

No dia 01 de março de 1967, na volta as aulas na capital sergipana e ainda sem nenhuma solução o professor Uchôa recorreu aos jornais para pedir aos pais que se mantivessem calmos, tranquilizando-os afirmando que nenhum aluno seria prejudicado por conta da dificuldade que enfrentavam no momento, conforme podemos ver na Imagem 18⁹.

Imagem 18: “Sem Solução o Caso Tiradentes”



Fonte: Jornal “Gazeta de Sergipe” 01/03/1967, disponível no SIBIUFS.

9 É importante destacar que se buscou uma melhoria na resolução da Imagem 18, mas a mesma diretamente da fonte, já não está tão visível, desde o escaneamento.

Como explicado na nota de Rodapé, buscou-se melhorar a resolução da Imagem acima, como não obtivemos sucesso, achou-se necessário transcrevê-la para uma melhor compreensão. Abaixo, na Imagem 19, encontra-se a transcrição feita pela autora.

Imagem 19: Transcrição da “Imagem 18: “Sem Solução o Caso Tiradentes””

SEM SOLUÇÃO O “CASO TIRADENTES”

Persistiu ainda ontem o “caso Tiradentes” envolvendo aquele estabelecimento de ensino e a srta. Elsa Valadares, proprietária do prédio onde funcionou até o ano passado o Colégio. Durante todo dia de ontem foi grande a movimentação de estudantes do “Tiradentes” próximo ao prédio, na rua de Laranjeiras com Capela.

Não houve, todavia, incidentes. Embora boatos indiciarem uma pretensa “invasão” para o início da noite ou na madrugada de hoje, com o intuito de amedrontar a proprietária do prédio e retirá-la do mesmo.

FALA UCHÔA

Falando a reportagem da GAZETA DE SERGIPE, o Professor Jouberto Uchôa diretor do Colégio Tiradentes, solicitou aos pais dos alunos que contenham calma, pois temos certeza que não faltará a ação da Justiça de Sergipe no sentido de encontrar uma solução que não só o colégio como da proprietária do prédio.

Fiquem certos os alunos que ninguém será prejudicado pela falta que nos encontramos.

Disse o professor Uchôa que quando o contrato foi encerrado ele solicitou a proprietária do prédio que aumentasse o aluguel, o que não foi aceito, originando a celeuma que ora se atrevera. Uchôa terminou criticando a ação da polícia, pois a invasão de Dona Elsa Valadares atraiu um grande precedente. “Quem quiser tomar o prédio é só invadir”.

Fonte: Elaborado pela autora (2023), a partir do que foi entendido da imagem retirada do Jornal “Gazeta de Sergipe” 01/03/1967, disponível no SIBIUFSS.

Foram enfrentadas muitas dificuldades mediante ao despejo. Porém o professor Uchôa contou com o apoio do juiz de direito Dr. Djalma Ferreira de Oliveira, que cedeu sua residência, ao qual morava com sua família, na Avenida da Canal, 370, atualmente conhecida como Rua Airton Teles, para que voltasse a funcionar as aulas do Colégio Tiradentes. Abaixo na Imagem 20, podemos ver a mudança, que contou com o apoio do Departamento de Estradas e Rodagens (DER), colaboradores da instituição e servidores concedidos pelo governo, promovendo a transferência dos móveis, materiais didáticos e demais pertences do Ginásio Tiradentes.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 20: Mudança do Ginásio Tiradentes para Rua Airton Teles



Fonte: Alves Jr. (2022, p.130).

Deste modo, se sucedeu a mudança para a segunda sede do Colégio Tiradentes, em 1967, localizada na avenida Airton Teles, em Aracaju. Nesse local foi possível multiplicar o número de alunos, professores e funcionários do colégio e carimbar o selo de qualidade educacional da instituição.

Imagem 21: Segunda Sede do Ginásio e Colégio Tiradentes



Fonte: Alves Jr. (2022, p.133).

Segundo Mendonça e Silva (2012), o ginásio funcionou nesse endereço por dois anos e mesmo a rua sendo conhecida como “de baixo meretrício”, nenhum aluno foi retirado do colégio, o que mostrou grande solidariedade por conta dos pais. E mesmo diante a tantos problemas, o Colégio Tiradentes continuou a crescer, outros cursos foram implantados resultando numa busca cada vez maior dos alunos para a instituição.

Mesmo diante a tantos momentos difíceis, efetuou-se um planejamento nesses dois anos de funcionamento do Colégio na sua segunda sede, a fim de alcançar um espaço integralmente próprio. De acordo com Mendonça e Silva (2012):

Foram necessários empréstimos bancários, além de sacrifícios de caráter familiar que demonstraram à vontade e apreço do casal aos alunos, funcionários e, em especial, ao magistério. Professor Uchôa e seus familiares sustentaram tal situação por dois anos, mas após esse período de decepções, vislumbravam-se excelentes perspectivas de crescimento. (Mendonça e Silva, 2012, p.115)

Durantes esses dois anos, o prof. Uchôa conseguiu comprar um terreno na rua Lagarto, no centro da cidade, que foi um passo importante para a construção da primeira sede própria da escola. Assim, o Colégio passou a funcionar em instalações definitivas no ano de 1969, e mesmo com as instalações precárias, livres de aluguel, eles conseguiram aos poucos, com a renda adquirida, providenciar as reformas adequadas para o funcionamento do colégio, a fim de expandir priorizando a qualidade de ensino.

3.

NOS CORREDORES DA MEMÓRIA: DO ESPAÇO E DO COTIDIANO ESCOLAR DO COLÉGIO TIRADENTES



Neste capítulo, damos continuidade à exploração da história do Colégio Tiradentes, com o intuito de analisar o ambiente e o cotidiano escolar nos primeiros anos da instituição, quando suas atividades ocorriam no imóvel de propriedade da senhora Elsa Valadares. Buscamos, ainda, destacar as ações pedagógicas desenvolvidas, considerando-as instrumentos fundamentais para a formação dos alunos. A escola é discutida como um espaço de formação, influenciado pelos aspectos sociais da comunidade onde está inserida. Ao observar a cultura escolar no contexto da História da Educação, identificamos o papel central da escola na transmissão dessa cultura, sendo o espaço onde são estabelecidas normas e perspectivas de comportamento que estruturam e organizam a sociedade.

Segundo Juliá (2001), é essencial analisar a escola em sua dimensão cultural, considerando o que ela transmite aos indivíduos e como isso influencia a incorporação de regras e comportamentos. Assim, ao entender a escola como um espaço privilegiado de produção e transmissão cultural, podemos afirmar que, nos últimos anos, a cultura escolar se consolidou como uma categoria amplamente utilizada pelos historiadores da Educação.

Essas questões nos levam a entender que investigar uma instituição educacional requer uma análise inserida em um contexto mais amplo, a fim de compreender melhor o papel da escola na transmissão cultural de uma sociedade. Assim, o estudo das práticas cotidianas da escola se concentra nos eventos que marcam seu funcionamento interno.

Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento, quadro imagético e projetivo, representações, tradição e memórias, práticas de envolvimento, apropriação. (...) Trata-se, portanto, de uma construção subjetiva que depende das circunstâncias históricas, das imagens e representações dos sujeitos, e que é afetada por dados de natureza biográfica e grupal. (Magalhães, 2004, p.58)

Com base nessa reflexão, é possível reconhecer a necessidade de uma maior aproximação com o contexto escolar, de modo a repensar suas práticas a partir de sua organização.

Assim, a história de uma instituição educativa não deve ser analisada apenas sob uma perspectiva histórica e cultural. Elementos como a arquitetura escolar também devem ser considerados pelo pesquisador, pois ao unir história e práticas educativas, compreende-se que a instituição está em constante transformação. Nesse contexto, a materialidade da cultura escolar serve como ponto de partida para compreender a dinâmica cultural, a cultura escolar, da instituição.

A arquitetura escolar do edifício tem um papel significativo na construção da identidade institucional. No caso do Colégio Tiradentes, embora o prédio tenha sido “adaptado” para uso educacional, é fundamental analisar sua estrutura e organização para compreender o funcionamento e as práticas pedagógicas desenvolvidas nos cursos oferecidos, como o Infantil, Primário, Ginásial, Contabilidade e Pe-

dagógico. Vale destacar, em particular, a criação do primeiro Curso Pedagógico Noturno do Estado de Sergipe.

Na superficialidade enxergamos somente a face externa e estética da fachada do edifício ou do invólucro que a define e protege, mas tenho que submergir e entender as relações entre o interno e externo, entre o homem e suas necessidades, pois são elas que, em conjunto com as características técnicas e funcionais, fundamentam o universo de composição do espaço, que, nas mãos de um profissional sensível, com a concretude de seus traços define esse espaço e suas relações com o entorno e com o homem. (Lapa, 2019, p.147)

A interpretação dessas diferentes dimensões torna o estudo do espaço escolar um recurso valioso para compreender as instituições educativas. Afinal, o valor da arquitetura reside na análise e interpretação do espaço, tanto no interior quanto no entorno da edificação.

Por se tratar de uma edificação que atualmente não existe mais, torna-se necessário resgatar sua memória. Como aponta Magalhães (2004, p. 156), “[...] a memória estimula a busca historiográfica, seja no plano da hermenêutica, seja no plano da compreensão e da representação da realidade”. Ao considerar esses aspectos, somos conduzidos ao local onde a instituição operava, permitindo uma melhor compreensão de como sua forma e funcionamento se estabeleciam.

Para alcançar esse objetivo, buscamos apresentar a forma e a arquitetura do colégio, destacando que o prédio foi adaptado para seu funcionamento. Essa representação foi criada por meio de uma maquete eletrônica desenvolvida com o software Blender, uma ferramenta robusta para modelagem, renderização, animação e visualização de conteúdo 3D interativo. Com isso, esperamos oferecer ao leitor uma visão detalhada da construção. Esse exercício só foi possível graças à pesquisa bibliográfica e iconográfica, utilizando imagens

de jornais e fotografias da época, que nos forneceram uma ideia de como o prédio se apresentava: suas divisões, os espaços convertidos em salas de aula e áreas administrativas, além de sua fachada externa. Esses dados são fundamentais, pois, sendo uma instituição recém-criada, o colégio precisava de uma edificação que transmitisse à sociedade local uma imagem de imponência e relevância, especialmente em um contexto em que Sergipe já abrigava os chamados Grupos Escolares.

A construção de edifícios específicos para os grupos escolares foi uma preocupação das administrações dos Estados que tinha no urbano o espaço privilegiado para a sua edificação, em especial, nas capitais e cidades prósperas economicamente. Em regra geral, a localização dos edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime. (Bencostta, 2001, p. 105)

Relativamente às instituições particulares, o Colégio Patrocínio São José, localizado em Aracaju na década de 1940, destaca-se como um exemplar da arquitetura escolar monumental da época. Projetado para atender às necessidades de uma instituição confessional, o edifício apresentava uma organização espacial funcional, com diversos compartimentos destinados a diferentes atividades pedagógicas. A integração das áreas verdes ao entorno escolar contribuía para a criação de um ambiente educativo dinâmico e inspirador. A presença de salas especializadas para disciplinas como Geografia, História Natural e Ciências demonstrava a preocupação em oferecer aos alunos um ensino completo e atualizado. (Sampaio, 2016, p. 65)

A arquitetura escolar do século XIX, marcada pelo monumentalismo, refletia as transformações sociais e políticas da época. Conforme Bencostta (2005, p.45), esses edifícios, com seus espaços amplos

e bem iluminados, não eram apenas funcionais, mas também simbolizavam o poder e a importância atribuídos à educação. A distinção entre o edifício escolar e o tecido urbano reforçava a ideia de que a escola era um espaço sagrado, destinado à formação de cidadãos.

Embora o Colégio Tiradentes, em seus primórdios, não ostentasse uma arquitetura grandiosa, a instituição aspirava a uma monumentalidade interior, manifestada através da excelência de seus cursos e da qualidade do ensino oferecido.

A fim de materializar a representação visual da instituição, tanto por meio de uma maquete física quanto de um vídeo, contamos com a valiosa expertise do arquiteto e urbanista Willams Ferreira. O profissional nos proporcionou suporte técnico na utilização do software empregado na elaboração desses materiais.

A cultura escolar desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes. Neste capítulo, busca-se compreender a cultura escolar do Colégio Tiradentes por meio da análise de suas representações. Serão investigados elementos como: o espaço físico e as práticas cotidianas, o currículo e as metodologias de ensino, as celebrações e eventos, e os agentes educativos. A partir dessa análise, pretende-se identificar os valores, crenças e práticas que caracterizavam a vida escolar nessa instituição.

3.1 O CURRÍCULO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO COLÉGIO TIRADENTES

O processo de ensino é a materialização do currículo em sala de aula, visando à construção do conhecimento pelos estudantes. Através da transmissão de conteúdos e da aplicação de diferentes metodologias, as competências são desenvolvidas, preparando os alunos para os desafios da vida. Essa prática pedagógica é norteada por documentos oficiais e programas de ensino que orientam a ação docente.

A escola, enquanto instituição social, tem a responsabilidade de formar cidadãos críticos e participativos. Para que isso ocorra, é

preciso que o trabalho pedagógico estabeleça uma conexão entre o conhecimento escolar e as demandas da sociedade. Essa relação entre o contexto social e o conhecimento formal representa um desafio a ser superado pelos educadores em suas práticas pedagógicas.

O currículo é resultado de uma construção social, sendo moldado pelas interações entre os sujeitos e pelo contexto histórico-cultural. Ele se apoia em conhecimentos acumulados e, ao mesmo tempo, orienta as práticas pedagógicas para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

O currículo, como afirmam Oliveira e Amorim (2006), apresenta uma dualidade entre representação e ação. Por um lado, ele expressa as intenções e os princípios que norteiam a educação. Por outro, ele se concretiza nas práticas pedagógicas, moldando as experiências de aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, o currículo não é um documento estático, mas sim um processo dinâmico que se transforma ao longo do tempo em resposta às demandas da sociedade.

As últimas décadas têm sido marcadas por um crescente interesse nos processos de elaboração curricular nas instituições de ensino. Esses estudos têm se concentrado na análise das relações entre o conhecimento e a educação, evidenciando a importância do currículo como mediador entre a escola e a sociedade.

Um aspecto crucial a ser considerado é o papel da cultura na elaboração do currículo e nas ações dos professores. A forma como a cultura é valorizada em sala de aula reflete a importância que se dá à diversidade e às diferentes experiências dos estudantes.

Ao analisar a intersecção entre currículo e cultura, é imprescindível referenciar as contribuições de Jean-Claude Forquin. Suas pesquisas elucidam como os conteúdos presentes no currículo escolar são construídos e como se diferenciam do conhecimento produzido nas instituições científicas.

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima, orgânica. Quer se tome a palavra “educa-

ção” no sentido amplo, de formação socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação. (Forquin, 1993, p.168)

O conjunto de características que compõem o cotidiano escolar revela a existência de uma cultura institucional que influencia significativamente os indivíduos. Essa cultura, construída ao longo do tempo, transmite conhecimentos e competências específicos, moldando a identidade dos estudantes e refletindo as características de uma comunidade mais ampla.

A rotina da sala de aula é um espaço rico para observar os processos de construção do conhecimento. As ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores, assim como as formas como elas se manifestam no dia a dia, contribuem significativamente para a construção do currículo, complementando e, muitas vezes, reconfigurando o currículo oficial.

Segundo Faria Filho e Vidal (2000), a partir das reformas republicanas da década de 1870, a discussão sobre os métodos de ensino passou a girar em torno da relação entre ensino e aprendizagem. O método intuitivo, nesse contexto, ganhou destaque como uma proposta inovadora.

O método intuitivo, como aponta Valdemarin (2004), está intrinsecamente ligado ao contexto histórico em que emergiu. Com raízes no empirismo de Bacon, Locke e Hume, essa abordagem pedagógica reflete a valorização da experiência e da observação, características da modernidade. Ao mesmo tempo, o método intuitivo se insere no projeto da burguesia ascendente, que buscava um conhecimento

prático e funcional, capaz de atender às demandas de uma sociedade em transformação.

Em oposição ao ensino tradicional, centrado na memorização e na repetição, o método intuitivo propunha uma abordagem mais ativa e participativa. Nesse método, o processo de ensino e aprendizagem ocorria de forma integrada, com o professor e os alunos aprendendo mutuamente. Essa dinâmica ressalta o papel fundamental do educador na construção do conhecimento e na realização dos objetivos da educação.

[...] é preciso que se considere que as culturas escolares vistas desde o lugar de uma escola singular, ou sob essa escala microanalítica, não podem ser compreendidas em sua singularidade e generalidade se não se realizarem as necessárias mediações com os processos sociais mais amplos. Nesse caso, como em qualquer outro, é a adequada construção do contexto de inteligibilidade que permitirá uma análise mais fecunda e, em última instância, legitimará a abordagem pretendida. (Faria Filho, 2007, p.196)

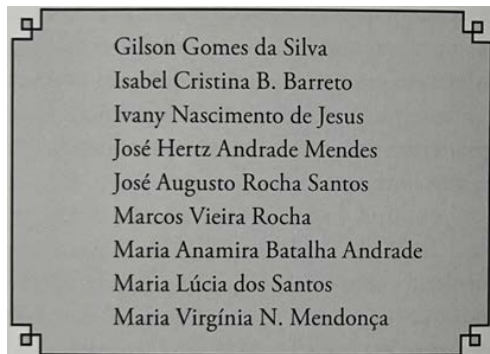
A influência da Escola Nova na educação sergipana era evidente desde o início do século XX, como aponta Pimentel (2014). As discussões e reformas educacionais desse período demonstravam uma busca por práticas pedagógicas mais modernas e alinhadas aos princípios da Escola Nova, que valorizava a experiência do aluno e a construção do conhecimento de forma ativa.

O Colégio Tiradentes, em consonância com os preceitos da Escola Nova e as determinações legais, desenvolveu um currículo diversificado que contemplava tanto as disciplinas tradicionais, como Português, Matemática e História, quanto atividades práticas e artísticas. Além das disciplinas clássicas, o colégio oferecia aulas de Canto Orfeônico, Educação Física, Religião, Economia Doméstica e Trabalhos Manuais, demonstrando um compromisso com a formação integral do estudante.

A disciplina de Canto Orfeônico, presente no currículo do colégio, tinha como objetivo principal desenvolver nos alunos a habilidade de interpretar corretamente os hinos nacionais. Essa prática, além de preparar os estudantes para eventos formais, também se alinhava às discussões da época sobre o papel social da música na educação. Conforme Pimentel (2014), no início do século XX, ganhava força a ideia de que o ensino da música nas escolas poderia contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

O Colégio Tiradentes destacava-se por oferecer uma formação completa, com cursos que iam desde a educação infantil até o nível superior. A instituição contava com turmas de Infantil, Primário, Ginasial, além de cursos profissionalizantes como Contabilidade e Pedagógico. A Imagem 22 nos mostra a primeira turma do Infantil, com apenas nove alunos, que iniciou as atividades no colégio.

Imagem 22: Lista de alunos do Curso Infantil



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.88).

Bastos (2001) aponta que a ideia da educação infantil não estava presente nos debates pedagógicos do século XIX. Naquela época, havia uma preocupação de que essa modalidade de ensino pudesse comprometer o papel tanto da família quanto da escola primária. Somente no final do século XX, com uma mudança significativa nesse olhar, a educação infantil foi reconhecida e regulamentada pelo Estado.

Conforme Mendonça e Silva (2012), a proposta pedagógica da educação infantil do Colégio Tiradentes envolvia a participação ativa de professores e demais funcionários, com o objetivo de proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e cuidados semelhantes aos oferecidos no âmbito familiar. Essa abordagem, centrada no desenvolvimento integral da criança, buscava atender às suas necessidades emocionais, sociais e cognitivas, preparando-as para os desafios da vida escolar e social.

A educação infantil representa um marco importante na vida da criança, marcando sua transição do ambiente familiar para um contexto social mais amplo. Nesse sentido, as práticas pedagógicas desempenham um papel crucial, pois é por meio delas que a criança adquire as habilidades e conhecimentos necessários para se desenvolver de forma integral e enfrentar os desafios futuros. Um currículo bem estruturado, atividades lúdicas e um ambiente acolhedor são elementos essenciais para garantir que a educação infantil promova o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, preparando-a para uma vida plena e participativa.

Na Educação Infantil, o trabalho docente compreende o desenvolvimento da criança como um processo complexo, influenciado por múltiplas determinações. Nesse contexto, os professores consideram tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos, compreendendo que ambos são resultado das relações e interações estabelecidas. Nessa perspectiva, conforme afirma Freire (1997), a prática pedagógica exige não apenas conhecimento técnico, mas também amorosidade. Ao criar um ambiente acolhedor e promover experiências significativas, o professor contribui para o desenvolvimento integral da criança, preparando-a para os desafios da vida.

O ensino era estruturado em séries que avançavam gradualmente, com conteúdos específicos para cada etapa. A Imagem 23 apresenta a organização das turmas e séries do colégio em seu primeiro ano de funcionamento.

Imagem 23: Turmas do Ginásio e Colégio Tiradentes

Curso Infantil	Curso Ginásial
9 alunos (mista)	1ª série – Turma A – 42 alunos (mista)
Curso Pré-Primário	1ª série – Turma B – 37 alunos (mista)
13 alunos (mista)	1ª série – Turma C – 40 alunos (mista)
Curso Primário	1ª série – Turma D – 49 alunos – Noturno (mista)
1ª série – 17 alunos (mista)	1ª série – Turma E – 57 alunos – Noturno (mista)
2ª série – 28 alunos (mista)	2ª série – Turma A – 45 alunos (mista)
3ª série – 23 alunos (mista)	3ª série – Turma B – 36 alunos (mista)
4ª série – 17 alunos (mista)	

Fonte: Mendonça (2012, p.85).

O curso primário era composto por 4 séries, com um total de 85 alunos matriculados. No curso ginásial, com 3 séries, a 1ª série se destacava por sua grande demanda, sendo dividida em 5 turmas e contando com 306 alunos.

Entre as metodologias empregadas em sala de aula, destacavam-se as leituras em voz alta, os ditados e a conjugação de tempos verbais. A avaliação do aprendizado era realizada por meio de provas semestrais, cujo objetivo era mensurar o nível de conhecimento de cada aluno. Conforme Berger (2004, p. 45), “muitos educadores, preocupados com o progresso do aluno e a socialização dos saberes, têm-se valido da avaliação com o objetivo de obter informações sobre o desempenho do educando”.

O cotidiano dos estudantes era enriquecido por atividades extracurriculares que transcendiam os muros da escola. Essas atividades incluíam visitas a instituições culturais, passeios ecológicos e a realização de eventos comemorativos, como o Dia da Criança.

É fundamental destacar que os passeios escolares constituem uma estratégia pedagógica eficaz para o ensino e a aprendizagem de conteúdos específicos. Ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de ampliar suas experiências educativas, esses passeios contribuem para estreitar os laços entre a escola e o patrimônio histórico dos locais visitados.

O Colégio Tiradentes adotava uma pedagogia e metodologia consideradas modernas, que visavam transmitir aos alunos os co-

nhcimentos exigidos pelo programa educacional, valorizando a criatividade por meio de práticas pedagógicas que utilizavam materiais concretos. Seu objetivo era contribuir significativamente para a formação cultural e educacional do alunado.

Em 1963, a primeira turma do curso ginásial do colégio concluía seus estudos, como registrado nesta imagem abaixo.

Imagem 24: Primeiros concluintes do Curso Ginásial em 1963



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.117).

A imagem chama a atenção para o nome “Tiradentes” em destaque, com uma fonte elegante que se origina do globo terrestre, simbolizando a globalização. O brasão de Aracaju, no canto superior direito, confere um ar de brasilidade à imagem. Na parte inferior esquerda, os 17 formandos posam para a foto, com seus uniformes impecáveis, porém seus rostos não são nítidos o suficiente para identificação.

Idealizados pelo professor Uchôa, esses quadros de formatura foram confeccionados pelo presidiário Maciel, que

demonstrava habilidades para o desenho artístico. O então advogado Dr. Jouberto Uchôa de Mendonça, quando percorria os corredores da penitenciária de Aracaju, nas suas ações em práticas da disciplina Direito Penal, ficou sensibilizado com o talento desse rapaz, pois, com essa atitude, ele procurou ocupá-lo aproveitando suas potencialidades com o intuito (re) inseri-lo na sociedade. (Mendonça e Silva, 2012, p.118)

Um marco importante na história da instituição ocorreu em 1963, quando a escola iniciou a oferta de cursos técnicos em Pedagogia, Contabilidade e Serviço Administrativo, ampliando assim seu leque de opções e consolidando sua posição como um centro de ensino de referência.

A oferta desses cursos técnicos era uma excelente opção para os jovens que haviam concluído o ginásial, pois abriam portas para o mercado de trabalho, que demandava cada vez mais profissionais qualificados nessas áreas.

As fontes consultadas para este trabalho não permitiram uma análise detalhada da metodologia e dos recursos utilizados pela instituição no período em questão. No entanto, os dados disponíveis evidenciam um crescimento expressivo do colégio, que em poucos anos se consolidou como uma instituição promissora. Segundo Alves Jr. (2022, p. 118), “Entre 1962 e 1967 foram contabilizados mais de três mil alunos”, o que demonstra o sucesso da iniciativa.

As pesquisas revelaram que a direção da escola sempre demonstrou grande preocupação em cumprir o calendário de eventos. Essa constatação possibilitou uma análise mais aprofundada das práticas pedagógicas adotadas pela instituição e da forma como ela se apropriava dos diversos procedimentos educativos.

Juliá (2001, p. 10) define cultura escolar como “um conjunto de normas que definem os conhecimentos a serem ensinados e os comportamentos a serem inculcados, além de um conjunto de práticas

que viabilizam a transmissão desses conhecimentos e a internalização desses comportamentos”. No entanto, é possível perceber a escola como uma instituição singular, estruturada por suas próprias normas, valores e significados, constituindo, assim, uma cultura única.

A compreensão do processo de construção das representações e das práticas educativas exige uma análise aprofundada do contexto escolar específico. Essa análise é essencial para repensar e transformar as práticas pedagógicas, considerando a organização e as dinâmicas particulares de cada escola.

A partir da análise da cultura escolar, foi possível inferir que os objetos e as comemorações escolares constituem práticas pedagógicas que preservam a memória institucional. Esses elementos, intrínsecos às práticas educativas, serão detalhados no próximo capítulo.

3.2 RITOS DE PASSAGEM: AS FESTAS ESCOLARES E SEUS SIGNIFICADOS NO COLÉGIO TIRADENTES

Segundo Santos (2023, p. 21),

Tomando as festas escolares como ritos, podemos concebê-las como elementos culturais e político-pedagógicos, não só pelos condicionamentos que suas estruturas apresentam, mas também pelo papel de simbolização que desempenham na vida social. O prestígio da escola dependerá, pois, de como ela se apresenta perante os alunos e de toda a sociedade ao redor de seus muros.

Nesse sentido, pode-se concluir que as comemorações escolares constituem um ponto de partida para a identificação de elementos que fundamentam as estruturas sociais e a formação do cidadão urbano e letrado. É perceptível a existência de festas com diversos significados, os quais, por sua vez, possuem finalidades específicas, como a transmissão de saberes práticos relacionados à educação ci-

vica e a promoção de comportamentos voltados à instrução patriótica. Os desfiles cívicos de 7 de setembro, em alusão à Independência do Brasil, são um exemplo emblemático desse tipo de prática (Santos, 2023, p. 22).

A cultura escolar é construída socialmente pelas interações entre os sujeitos no contexto escolar. As representações sociais da instituição emergem dessas relações, nas quais os agentes atuam como produtores de conhecimentos e competências.

A escola, inserida em um sistema educacional diversificado, assume diferentes formas e significados em cada contexto cultural. Essa diversidade a torna um espaço privilegiado para a produção e transmissão de valores, conhecimentos e práticas culturais. Analisar a escola em sua amplitude cultural é fundamental para compreender o seu papel na formação dos indivíduos.

O conceito de festas ou comemorações escolares transcende a mera realização de eventos entre os agentes escolares. Essas atividades englobam um contexto específico que merece ser valorizado, assim como as formas de alcançar esse objetivo.

As festas escolares são eventos dinâmicos e sujeitos a múltiplas interpretações. Ao longo do tempo, elas são reconfiguradas e revestidas de novos significados, dependendo das perspectivas dos diferentes atores escolares. A apropriação das festas pelos professores e alunos, por exemplo, pode gerar sentidos distintos daqueles inicialmente propostos pelos seus criadores, como aponta Chartier (1990). Essa diversidade de significados demonstra a complexidade das práticas culturais escolares e a importância de analisar as festas não apenas como eventos festivos, mas como momentos de construção de sentidos e identidades.

A seleção das datas comemorativas e as práticas adotadas para celebrá-las constituem escolhas pedagógicas que refletem o projeto social e político da escola. Essas escolhas revelam a representação da escola que se deseja construir e os valores que se pretendem transmitir à comunidade escolar. Ao optar por determinadas datas

e formas de celebração, a escola demonstra sua posição diante de questões sociais e históricas, contribuindo para a construção de uma determinada identidade institucional.

As comemorações escolares constituíam um dos principais eventos institucionais, nos quais os educadores planejavam e executavam atividades pedagógicas diversas. Através de apresentações teatrais, celebrações cívicas e religiosas, jogos escolares e eventos culturais, a escola buscava transmitir conhecimentos, valores e promover a identidade nacional e regional. Essas atividades, além de proporcionar momentos de lazer e confraternização, contribuíam para a formação integral dos estudantes, desenvolvendo habilidades sociais, artísticas e esportivas.

Santos (2023) argumenta que as comemorações escolares, como as realizadas pelo Colégio Tiradentes no período de 1964 a 1985, tinham como objetivo principal a formação e a preservação da memória, proporcionando experiências educativas ricas em significados.

As práticas educativas mencionadas buscam estabelecer um controle sobre o tempo dos alunos, definindo normas que regulamentam diversas atividades escolares, desde o cumprimento do horário de chegada até a organização das festas e o encerramento do ano letivo. Essas normas, ao disciplinar o tempo e as ações dos estudantes, contribuem para a construção de uma rotina escolar previsível e organizada, o que, por sua vez, facilita o processo de ensino-aprendizagem.

As fontes consultadas indicam que o Colégio Tiradentes sempre adotou práticas pedagógicas alinhadas com a cultura escolar. A valorização da disciplina, a hierarquia entre professores e alunos, a importância da memorização e a realização de atividades coletivas são alguns exemplos de elementos da cultura escolar que foram consistentemente presentes nas práticas pedagógicas do colégio. Essa adesão às normas e valores da cultura escolar contribuiu para a construção de uma identidade institucional forte e coesa.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Um dos eventos estudantis que mais atraíram populares, pais e parentes foi o desfile estudantil pelas ruas das cidades, em datas cívicas. Essas festividades iniciavam-se sempre com palestras nas salas de aula pelo professor de História do Brasil, com a celebração de uma missa em ação de graças, em 21 de abril. A presença do Colégio Tiradentes tomando as vias públicas de Aracaju durante décadas foi uma constante nas comemorações cívicas, especialmente no dia do patrono Tiradentes. (Mendonça e Silva, 2012, p. 93)

As imagens 25 e 26 evidenciam o compromisso do Colégio Tiradentes com o cumprimento do calendário de eventos cívicos. A participação em desfiles escolares, com alunos uniformizados, demonstrava o valor atribuído à disciplina, ao patriotismo e à representação da escola perante a comunidade sergipana.

Imagem 25: Desfile da Inconfidência em 1963



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.94).

A imagem do desfile cívico de 21 de abril de 1963 evidencia o engajamento do Colégio Tiradentes com as celebrações cívicas desde o início de suas atividades. A participação em eventos como este e nas comemorações do aniversário de Aracaju demonstrava o compromisso da instituição com a formação de cidadãos conscientes e com a valo-

rização da história e da cultura local. Essa presença ativa em espaços públicos contribuiu para a construção de uma imagem positiva do colégio e para o fortalecimento de seus laços com a comunidade.

A vida escolar, segundo Santos (2023, p.20), é marcada por uma série de ritos e práticas que vão além do cotidiano. A organização das filas, a estrutura curricular e as comemorações, por exemplo, são elementos que contribuem para a construção de memórias coletivas. Celebrar, nesse sentido, é um ato de ressignificar o passado, trazendo-o para o presente e compartilhando-o com outros. As comemorações escolares, em particular, desempenham um papel fundamental na construção da identidade da escola e na formação dos estudantes, proporcionando momentos de alegria, união e fortalecimento dos laços comunitários.

Imagem 26: Desfile da Independência



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.94).

Conforme Chartier (1990, p.26) as apropriações “[...] tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” Um grande exemplo disso, são as comemorações relacionadas aos “heróis da pátria brasileira”, um elemento muito presente nas práticas educativas do Colégio Tiradentes.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 27: Prof. Uchôa fazendo saudações a Tiradentes 1962



Fonte: Barreto (2012, p.104).

As fontes consultadas evidenciam o profundo respeito do Prof. Uchôa pelo patrono da instituição. Ao longo dos anos, ele se envolveu ativamente em diversas iniciativas para homenagear e celebrar a figura do patrono, demonstrando um forte compromisso com a memória e o legado desse personagem histórico.

Imagem 28: Prof. Uchôa fazendo saudações a Tiradentes 1963



Fonte: Barreto (2012, p.107)

As imagens 27 e 28 revelam o caráter político das comemorações organizadas pelo Colégio Tiradentes. Ao realizar os desfiles cívicos na Praça Fausto Cardoso, um espaço de grande visibilidade, a escola não apenas celebrava datas importantes, mas também contribuía para a construção de uma identidade nacional e para o fortalecimento do regime político vigente. A presença do Prof. Uchôa nesses eventos reforçava o papel da instituição como um agente de socialização e de promoção dos valores dominantes. Essa estratégia permitia que a escola alcançasse um público mais amplo e reforçasse sua posição como um espaço de formação de cidadãos leais ao regime.

Segundo Santos (2023, p.88), a escola desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, tanto em relação aos conhecimentos e habilidades, quanto à construção de identidades coletivas. Além de educar o corpo e transmitir tradições, a escola promove a criação de laços sociais e a formação de memórias compartilhadas. Os momentos de apresentação e performance são especialmente importantes, pois é nesses momentos que o aprendizado se torna público e se conecta com a comunidade.

O Colégio Tiradentes promovia, anualmente, uma significativa celebração do Domingo de Páscoa, que contava com a participação ativa de toda a comunidade escolar, incluindo professores, alunos e funcionários. A celebração envolvia diversas atividades, como a encenação da Paixão de Cristo, a confecção de ovos de Páscoa e a realização de um piquenique. Esses eventos não apenas promoviam a integração entre os membros da comunidade escolar, mas também reforçavam os valores religiosos e culturais da instituição.

O objetivo principal era contextualizar as práticas pedagógicas, através da valorização desse segmento religioso. Além das atividades lúdicas com os símbolos da Páscoa (coelho e ovos), havia reuniões, ensaios de cantos, palestras para os registros dos acontecimentos históricos, e o ponto alto da data (móvel) era a celebração da missa de

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Páscoa. Além das leituras escolhidas para debates fazia-se uma reflexão sobre a paz, o respeito e o renascer dos povos na crença de um Deus vivo. (Mendonça e Silva, 2012, p.95)

Imagem 29: Missa de Páscoa do Colégio Tiradentes



Fonte: Mendonça e Silva (2012, p.96).

Na Imagem 29, que retrata a Missa de Páscoa celebrada na Catedral Metropolitana de Aracaju, é possível identificar, na primeira fila, a professora Amélia e o professor Uchôa, acompanhados por alunos que, pelas vestimentas, estavam preparados tanto para a cerimônia religiosa quanto para o desfile comemorativo da Páscoa, conforme demonstram as Imagens 30 e 31.

Imagem 30: Estudantes após Missa de Páscoa



Fonte: Barreto (2012, p.111)

A preparação para a Páscoa, como apontam Mendonça e Silva (2012), envolvia momentos de reflexão e introspecção. A confissão, realizada no dia anterior à celebração, era uma prática comum entre os alunos, que os ajudava a se conectar com os ensinamentos da Igreja Católica e a encontrar um novo sentido para a vida. Essa prática religiosa, além de preparar os alunos para a celebração da Páscoa, contribuía para a formação de valores como a humildade, o arrependimento e a busca pela redenção, que eram considerados fundamentais para a educação integral do indivíduo.

Imagem 31: Desfile Pós Missa de Páscoa



Fonte: Barreto (2012, p.111).

A frequência dos desfiles organizados pelo Colégio Tiradentes demonstrava não só o compromisso da instituição com a educação formal, mas também sua importância como um espaço de socialização e formação de cidadãos. Essas celebrações contribuía para consolidar a imagem da escola como um modelo de disciplina e respeito às tradições, ao mesmo tempo em que promoviam a integração

entre a comunidade escolar e a sociedade sergipana. Os desfiles cívicos do 7 de setembro, por sua vez, serviam como um importante instrumento para fortalecer a disciplina militar e reforçar os laços entre as Forças Armadas e a comunidade. Ao longo dos anos, esses eventos se tornaram uma tradição arraigada na cidade, contribuindo para a construção de uma memória coletiva e para o fortalecimento dos valores nacionais.

Imagem 32: Desfile de Sete de Setembro



Fonte: Barreto (2012, p.114).

Historicamente, a Avenida Barão de Maruim tem sido o cenário principal para os desfiles cívicos escolares em Aracaju, com a Praça Fausto Cardoso como ponto de parada obrigatório. A presença do palácio estadual nesse local conferia à praça um significado especial, transformando-a em um espaço de grande relevância política e social para a cidade.

O envolvimento do Colégio Tiradentes não se restringia às festas cívicas e religiosas. A instituição também participava ativamente das festividades juninas, valorizando as manifestações culturais nordestinas, como as danças, as comidas típicas e as músicas, que já faziam parte do cotidiano dos sergipanos.

A quadrilha, como aponta Santos (2023), é um elemento fundamental das festas juninas, conferindo um caráter lúdico às celebrações. No Colégio Tiradentes, a quadrilha era um momento de resgate das tradições culturais, com a encenação do casamento matuto, que envolvia toda a comunidade escolar, como evidenciam as Imagens 33 e 34. Essa atividade, além de proporcionar momentos de alegria e descontração, contribuía para a formação de valores como a cooperação, a solidariedade e o respeito às tradições, fortalecendo os laços entre os alunos e a comunidade escolar.

Imagem 33: Casamento do Matuto



Fonte: Barreto (2012, p.111).

Imagem 34: Casamento do Matuto 2



Fonte: Barreto (2012, p.111).

No âmbito religioso, outro evento de destaque era a Primeira Eucaristia, que reunia a comunidade escolar e a população em geral, sendo um momento de grande orgulho para todos. Essa celebração, que marcava um marco importante na vida religiosa dos alunos, era cuidadosamente preparada e envolvia a participação de toda a comunidade escolar. A presença de autoridades religiosas, o canto do coral e a decoração especial do espaço transformavam a celebração em um momento único e inesquecível, fortalecendo os laços entre a escola, a família e a comunidade.

Imagem 35: Primeira Comunhão dos alunos do Colégio Tiradentes



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.99).

A Imagem 35 evidencia a cuidadosa organização da Primeira Eucaristia, um evento que além de seu significado religioso, servia como uma vitrine para o Colégio, demonstrando a qualidade de seu ensino e sua inserção no contexto social.

Constata-se que as festas muito marcaram os alunos do Tiradentes, visto que eram celebradas com muito esmero. Decerto, nos eventos escolares valorizavam-se representações da cultura escolar. No período de encerramento dos semestres letivos, a direção premiava com medalhas de honra ao mérito os alunos que haviam obtido bom apro-

veitamento, cuja entrega acontecia no Teatro Tiradentes. Essa prática incentivava a competitividade, fazendo com que os estudantes se estimulassem nos estudos. As notas eram registradas em uma caderneta que recebia mensalmente a assinatura do pai ou do responsável. (Mendonça e Silva, 2012, p.103)

Ao final de cada ano letivo, o colégio promovia uma celebração para marcar a progressão dos alunos para a próxima etapa escolar. A Imagem 36 revela uma prática pedagógica interessante: a entrega das provas finais em sacolas personalizadas, demonstrando o cuidado do colégio com a preservação dos trabalhos dos alunos.

Imagem 36: Encerramento do ano letivo do Colégio Tiradentes

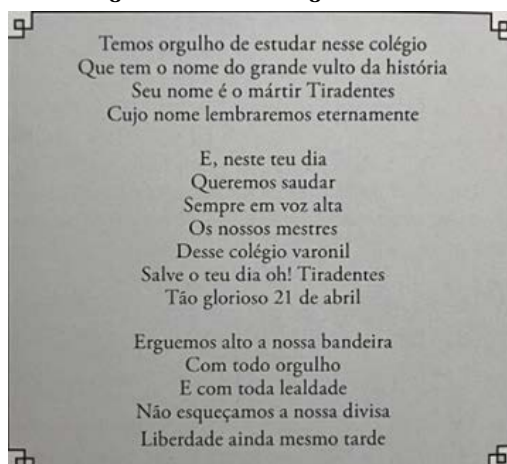


Fonte: Mendonça e Silva (2012, p.98).

A prática do canto do hino nacional e as celebrações em datas comemorativas eram parte integrante do cotidiano escolar. Através dessas atividades, o colégio cultivava nos alunos hábitos e valores cívicos, alinhados com as expectativas da sociedade da época. Essa estratégia pedagógica visava formar cidadãos conscientes de seus

direitos e deveres, preparados para participar ativamente da vida social e política. Além disso, essas práticas contribuíam para fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade escolar e à nação. As diversas atividades desenvolvidas no Colégio Tiradentes, incluindo o canto diário do hino, tinham como objetivo principal a formação de cidadãos íntegros e patriotas. Os versos do hino da instituição, “Erguemos nossa bandeira. Com todo orgulho. E com toda lealdade”, sintetizam os valores que a escola buscava transmitir aos seus alunos.

Imagem 37: Hino do Colégio Tiradentes



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.102).

A rotina escolar era permeada por diversas celebrações e atividades, como o canto diário dos hinos nacional e institucional. Essa prática, juntamente com as demais celebrações, contribuía para a construção de uma identidade cultural forte e para a formação de alunos comprometidos com os valores da pátria e da instituição.

Ao analisar a cultura escolar do Colégio Tiradentes, percebemos que as festas não eram apenas momentos de diversão, mas também ferramentas pedagógicas que promoviam a autonomia dos alunos e a compreensão dos conteúdos aprendidos. A identidade de uma instituição escolar é construída a partir das ações de seus agentes e

se manifesta em suas práticas, incluindo as festividades. Segundo Bencostta (2005), essas celebrações são produtos de contextos históricos específicos e refletem os valores e as representações culturais de cada época.

Os professores desempenham um papel crucial na promoção e execução de atividades culturais na escola. Ao cultivar o interesse dos alunos pela cultura, eles contribuem para a formação integral e para a construção de uma comunidade escolar mais rica e dinâmica. A análise do corpo docente é fundamental para compreender a qualidade da instituição, pois são os professores que, em grande medida, definem a identidade e a cultura escolar. Um corpo docente qualificado e engajado em práticas inovadoras é capaz de oferecer aos alunos experiências de aprendizagem significativas e prazerosas, além de promover a valorização da diversidade cultural.

3.3 OS CONSTRUTORES DO LEGADO: OS PRIMEIROS PROFESSORES DO COLÉGIO TIRADENTES

A presença de agentes ou formadores socioeducativos é fundamental para o funcionamento de qualquer instituição escolar. No Colégio Tiradentes, os professores, responsáveis pela formação dos alunos, trabalhavam em conjunto com outros profissionais para fortalecer o projeto pedagógico e social da escola. Essa parceria era fundamental para garantir uma educação integral aos alunos, que abrangia não apenas os aspectos cognitivos, mas também o desenvolvimento social e emocional. Através de atividades como projetos pedagógicos, oficinas e eventos culturais, os alunos tinham a oportunidade de desenvolver suas habilidades e valores, preparando-se para a vida em sociedade.

A trajetória de uma instituição escolar é resultado das ações de seus diversos agentes, que mobilizam diferentes estratégias para garantir a conformidade com as leis e, ao mesmo tempo, construir uma imagem de excelência perante a sociedade. (Silva, 2016, p.83)

A prática pedagógica é um processo complexo, influenciado por diversos fatores, incluindo o ambiente e as características individuais dos alunos e professores. Os docentes do Colégio Tiradentes, além de sua excelência profissional, eram figuras de destaque na comunidade aracajuana, participando ativamente de diversas instituições, como a Academia Sergipana de Letras. Essa inserção social contribuía para o prestígio da escola e para a formação de uma comunidade escolar mais ampla e engajada.

As práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas influenciam as relações e as interações entre seus membros, definindo formas e modelos de atuação docente. A interdisciplinaridade e a busca constante por melhorias nas práticas são essenciais nesse processo. Segundo Tardif (2008), a docência é uma atividade complexa, marcada pelas experiências vividas e pela produção de conhecimento, sendo o professor um agente de transformação e um ator fundamental no processo educativo.

Para ele a prática docente é o momento em que o professor ressignifica os outros saberes e conhecimentos adquiridos anteriormente e/ou durante a sua atuação profissional, seja nos cursos de formação acadêmica inicial, seja nas sessões de formação permanente ocorridas em serviço, notadamente aqueles saberes que ele nomeia de disciplinares e curriculares, de forma que:

A prática cotidiana da profissão não favorece apenas o desenvolvimento de certezas ‘experenciais’, mas permite também uma avaliação de outros saberes, através da sua retradução em função das condições limitadora da experiência. Os professores não rejeitam os outros saberes totalmente, pelo contrário, eles os incorporam à sua prática, retraduzindo-os porém em categorias do seu próprio discurso. (Tardif, 2008, p. 53)

A escola, ao longo de sua história, tem sido marcada por uma relação complexa com a sociedade. Segundo Simon (2010), a instituição

escolar, muitas vezes, reforça as desigualdades sociais, legitimando a cultura das classes dominantes. Freire e Shor (1986) complementam essa análise, ao afirmarem que a educação é um processo histórico e social, marcado por contradições e conflitos de interesses, sendo utilizada pelas classes dominantes como um instrumento de dominação ideológica.

A figura do professor é essencial no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que seus saberes e competências influenciam diretamente na construção do conhecimento dos alunos. Ao longo do tempo, os professores têm desempenhado um papel crucial na oferta de experiências educativas significativas para todos os estudantes. Através de metodologias inovadoras, projetos colaborativos e atividades que estimulam a curiosidade e a criatividade, os professores podem transformar a sala de aula em um espaço de aprendizagem dinâmico e desafiador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

O Colégio Tiradentes tem demonstrado uma capacidade de adaptação às mudanças sociais e às novas legislações, sem perder de vista seus princípios e valores institucionais. Essa flexibilidade tem permitido à escola oferecer uma educação relevante e atualizada, que prepara os alunos para os desafios do mundo contemporâneo.

Conforme Mendonça e Silva (2012), o corpo docente inicial do Ginásio Tiradentes era composto por professores com sólida formação acadêmica, muitos deles egressos de instituições de ensino superior como a Faculdade de Filosofia de Sergipe. A Imagem 38 apresenta o quadro docente e as disciplinas ministradas, a partir do qual elaboramos breves biografias de alguns professores.

Imagem 38: Primeiros professores do Colégio Tiradentes

Adelci Figueiredo Santos Geografia Geral e Geografia do Brasil, Regis. nº F. 6.978	José Maria Rodrigues Santos Médico Ass. de Ed. Física. Regis. nº 20
Cândida Viana Ribeiro (Candoca) Canto Orfeônico. Regis. nº D. 0.232;	Leão Magno Brasil Matemática - Regis. D. 35.128;
Cecília Teixeira Desenho. Regis. nº D.18.884;	Lúcia Viana Ribeiro Inglês. Regis. nº L.F.F.
Duclerc Chaves Português. Regis. nº D.31.834;	M^o do Carmo de Melo Maynard Português. Regis. nº F.34086;
Edilberto Reis Cunha Educação Física. Regis. nº ER. 0.954;	M^a Emília Nunes de Andrade Economia Doméstica e Trabalhos Manuais. Regis. nº D. 34.630;
Elódia Caldas Barros Francês. Regis. nº F. 10.306;	Maria Olga de Andrade Ciências Naturais. Regis. nº 33.259;
Elze do Prado Barreto Desenho. Regis. nº D.29.943;	Padre Fernando Medeiros Religião
Félix d'Ávila Educação Física. Regis. nº EE.3.742;	Raimundo Aritiquiba Lobão Matemática. Regis. I. E. S.;
José Antônio da Costa Melo Latim. Regis. nº F.7.255	Renato Valois das Chagas Inglês. Regis. nº D. 35.135;
José Carlos de Sousa Francês. Regis. nº F.19.654;	Rosilda Barreto Economia Doméstica. Regis. nº "o";
José Joaquim d'Ávila Melo Desenho. Regis. nº L.E.S.;	Vilma Santana História Geral, História do Brasil e História da América Regis. Nº F. 10.205.

Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p. 59).

A maioria dos professores do colégio já possuía uma trajetória consolidada no magistério sergipano, sendo respeitados por sua experiência e conhecimento. A exceção eram Edilberto Reis Cunha, graduado em Educação Física, e Cândida Viana Ribeiro, especialista em Canto Orfeônico, ambos oriundos do Rio de Janeiro. A presença desses profissionais, com formações específicas, contribuiu para diversificar e enriquecer a oferta de disciplinas, elevando o nível do ensino oferecido pela instituição.

Adelci Figueiredo Santos, bacharel e licenciado em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia (1955), era professor titular nas cadeiras de Geografia Geral e do Brasil, tanto na Faculdade Católica quanto na Universidade Federal de Sergipe.

A professora Cândida Viana Ribeiro, natural de Laranjeiras, teve o privilégio de ser a primeira docente de Música e Canto Orfeô-

nico do Colégio Tiradentes. Graduada em Música pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, ela trouxe para a instituição uma sólida formação musical, contribuindo significativamente para o desenvolvimento artístico dos alunos.

Uma vez conseguidas as armas básicas para começar sua tarefa como professora, ela tratou de se aperfeiçoar, inscrevendo-se nos cursos de Regência e de Harmonia e de Contraponto, ambos em Salvador, durante os Seminários Internacionais de Música, patrocinados pela Universidade Federal da Bahia, em julho de 1955. Como o que ela escolheu ensinar canto orfeônico, voltou para o Rio de Janeiro em 1957 para fazer o curso de Canto Orfeônico no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, com o maestro Heitor Villa Lobos. (Mendonça e Silva, 2012, p.64)

Imagem 39: Professora Cândida Viana Ribeiro



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p. 64).

Além do Colégio Tiradentes, Cândida Viana Ribeiro lecionou Música em diversas instituições sergipanas, como o Colégio Tobias Barreto, o Ginásio Imaculada Conceição e o Atheneu Sergipense.

Foi também professora de História da Música e Piano no Instituto de Música e Canto Orfeônico de Sergipe, do qual foi uma das fundadoras.

A professora Cecília Teixeira, natural de Itabaiana, construiu uma sólida carreira na educação sergipana, atuando tanto na rede pública quanto na privada. Iniciou sua trajetória no Ginásio Murilo Braga e, posteriormente, lecionou em instituições como o Ginásio Pio Décimo e o Ginásio Jackson Figueiredo. Em 1962, foi convidada para integrar o corpo docente do recém-fundado Ginásio Tiradentes, onde ministrou aulas de Desenho, contribuindo para a formação dos primeiros alunos da instituição. Sua dedicação à educação e sua expertise em Desenho foram fundamentais para a formação de diversas gerações de estudantes sergipanos.

Imagem 40: Professora Cecília Teixeira



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.67).

Após uma longa e profícua carreira na educação, lecionando em diversas instituições públicas e privadas, Cecília Teixeira se aposentou. Embora tenha atuado apenas no primeiro ano letivo do Colégio Tiradentes, sua contribuição como professora de Desenho foi fundamental para a formação dos primeiros alunos da instituição.

Duclerc Chaves, também atuou como professor da cadeira de português, do curso ginásial do Instituto Rui Barbosa, conhecido como um dos grandes mestres da língua portuguesa no estado.

O professor Edilberto Reis, sempre dispôs de um fascínio pelo esporte, fez parte da equipe de Remo do Cotinguiba Esporte Club¹ e integrou a equipe de basquete da mesma agremiação.

Diante da necessidade de profissionais graduados nessa formação acadêmica, Edilberto, que demonstrava aptidão para o desporto, recebeu apoio do governo do estado de Sergipe. Segundo um dos seus contemporâneos, foi com a ajuda do governador José Rollembergue Leite que ele pôde realizar seu curso superior, por ter recebido uma bolsa de estudos. Dessa forma, saiu de Sergipe para frequentar a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, onde se graduou em Educação Física, na década de 1940. (Mendonça e Silva, 2012, p.70)

Imagem 41: Professor Edilberto Reis Cunha



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p. 70).

¹ Cotinguiba Esporte Clube é um clube poliesportivo brasileiro, sua sede situa-se na cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe. O clube foi fundado no dia 10 de outubro de 1909 bairro do São José da Capital.

Quando retornou para Aracaju, lecionou na Escola Industrial de Sergipe e depois na Escola Técnica Federal de Sergipe. Como já era conhecido do professor Uchôa, foi convidado para lecionar no Colégio Tiradentes, tendo seu diploma, teria sido de extrema importância para a avaliação do MEC junto a instalação do Colégio. No campo da educação física junto com professores como, Félix D Ávila, Adalberto Silva, José Calazans, José Carlos Barbosa, professor Adalberto trouxeram inovações e novas metodologias para o ensino da Educação Física em Sergipe. Mas quando do seu retorno a Aracaju conta que só tinha com nível superior o professor Edilberto que dava aulas na Escola Técnica e no Atheneu. Também coordenou atividades de Educação Física nas escolas da rede estadual de ensino.

A disciplina de educação física também teve como docente Félix d'Ávila, **um dos mais destacados nessa área no Brasil**. Félix D'Ávila nasceu a 19 de janeiro de 1928, na cidade de Aracaju/SE, precisamente na rua São Cristóvão. O pai foi advogado e o primeiro inspetor do Trabalho em Aracaju. Também atuou na política e ensinou no Atheneu. Sua mãe foi professora no Colégio Tobias Barreto e cuidou de seus 10 filhos.

Foi aluno nos Colégio Tobias Barreto, onde iniciou os estudos do curso primário, concluído no Colégio Jackson de Figueiredo e terminou o ginásio no Colégio 28 de setembro e faz o curso científico no Colégio Piedade, chegando ao final do curso médio no Rio de Janeiro. Na Escola Nacional de Educação Física e Desporto da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, depois de enfrentar vestibular em 1955 e estudar por três anos, cola grau no curso superior em Educação Física em 1957.

A vocação para a Educação Física surgiu durante seus anos de estudante no Rio de Janeiro, onde se destacou como atleta de vôlei-bol e basquetebol. Com o apoio de uma bolsa concedida pelo então governador Leandro Maciel, formou-se na Escola Nacional de Educação Física. Em 1958, já casado, retornou a Sergipe e iniciou sua trajetória profissional em Aracaju.

Além de trabalhar para o Estado na condição de professor de Educação Física do Colégio Atheneu, tem tempo para ensinar nos colégios particulares: Jackson de Figueiredo, Salesiano e Colégio Tiradentes.

Com a fundação da Universidade Federal de Sergipe em 1969, o seu primeiro reitor, professor João Cardoso do Nascimento Júnior, conseguiu liberação do professor Félix junto ao Ministro da Educação Jarbas Passarinho e a partir daí mais outra história de trabalho, iniciada no Centro de Civismo, Educação Física e Desporto criado por João Cardoso e com sede na praça Camerino.

Em 1972, ano da autorização depois de participar do todo o processo de criação o Ministério da Educação autoriza o funcionamento do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, que tem em Félix D'Ávila seu primeiro diretor. Foi mantido no comando do curso até o ano de 1979, quando foi convidado para fazer um trabalho na Universidade do Paraná, sendo colocado à disposição da universidade pelo então reitor da UFS.

Segundo Andrade (2014, p. 28),

O jornalista sergipano Osmário Santos publicou um artigo em formato eletrônico no ano de 2007, confeccionado a partir de uma entrevista realizada com Félix d'Ávila. No texto desse artigo Félix afirmou que além de ter atuado em Aracaju fazendo crônicas no jornal "A Cruzada", no Rio de Janeiro trabalhou na "Revista do Rádio" cujo diretor era Anselmo Domingos, e na revista "Vida Doméstica", também escrevendo crônicas. Nessa mesma entrevista Félix afirmou que ainda no Rio de Janeiro trabalhou na Rádio Cruzeiro do Sul, no programa "Cruzeiro pelos Teatros", apresentado por Celso Garcia; e haja vista sua aproximação com a escrita, à época da entrevista estava com uma coluna cujos artigos, sobre Educação Física, Desporto e Lazer, eram publicados aos sábados em um periódico sergipano chamado "Jornal do Dia".

Imagem 42: Professor José Antônio da Costa Melo



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p. 67).

O professor José Antônio, natural de Japaratuba/SE, estudou no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus onde realizou o Curso de Humanidades e posteriormente o Seminário Arquiepiscopal em Olinda. É importante destacar que próximo à ordenação ele desistiu da carreira e passou a se dedicar às atividades do magistério.

Lecionou no Colégio Atheneu, Tobias Barreto, Salesiano, Nossa Senhora de Lourdes e no Ginásio e Colégio Tiradentes. Foi diretor do Ginásio Presidente Vargas, onde durante esse período também foi professor de Latim do Colégio Tiradentes. Durante a década de 1970, passou a incorporar o quadro docente da Universidade Federal de Sergipe, como professor de Estudos de Problemas Brasileiros, passando a ministrar seminários sobre segurança nacional na Escola Superior de Guerra.

O professor e intelectual José Carlos de Souza, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na faculdade de Direito de Sergipe. No exercício da docência, trabalhou no Colégio Jackson de Figueiredo, no Colégio Tobias Barreto, no Colégio Estadual de Sergipe, na Escola Técnica de Comércio de Sergipe e no Colégio Tiradentes como professor de francês.

Imagem 43: Professor José Carlos de Souza



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.71).

Além do magistério ele integrou diversas entidades culturais e de classe. Foi diretor geral da Assembleia Legislativa, diretor do Departamento de Educação e Cultura de Aracaju, secretário do Estado da Educação e Cultura, dentre outros inúmeros cargos de renome.

A sua versatilidade cultural levou-o a participar de Delegações Brasileiras no Exterior, a saber: integrou as Delegações Brasileiras no Seminário de Planejamento Educacional, realizado na Califórnia - Estados Unidos, em 1971; na Confederação Internacional do Trabalho, em Genebra - Suíça, em 1974, e no Seminário sobre Cooperação Internacional, em Berlim - Alemanha, no ano de 1990. (Mendonça e Silva, 2012, p.72)

É nítido o quanto o professor Jose Carlos soube aproveitar das oportunidades que lhe apareceram no decorrer da vida. Diante do exercício profissional tão extenso e diversificado, foram inúmeras atividades e títulos adquiridos, o que representa um ganho para o Colégio, tê-lo em seu quadro docente no momento de iniciação.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 44: Professor Leão Magno Brasil



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.74).

Leão Magno Brasil foi o primeiro professor da Matemática do Ginásio e Colégio Tiradentes. No início de sua carreira fez parte do Sindicato dos Professores de Sergipe. Segundo Mendonça e Silva, (2012, p.75), Leão Magno ficou conhecido na década de 1960 como “uma das figuras proeminentes do cenário educacional de Sergipe”, afinal se destacou exercendo suas atividades docentes no Colégio Tiradentes, no Salesiano e no Patrocínio de São José.

O Colégio contou também com outro professor de matemática, o professor Raimundo Aritiquiba Lobão. Coursou Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Sergipe.

Imagem 45: Professor Renato Valois das Chagas



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.66).

Além de professor Renato Valois das Chagas, nascido em Aracaju, também era comerciário. Desde cedo demonstrou aptidão para estudar diversos idiomas, estudou inglês em casa com muito esforço, ao mesmo tempo que desempenhava o cargo de escriturário no setor comercial. “Em 1936 ingressou na firma A Fonseca e Companhia; no ano 1940 foi admitido na casa Dantas & Kraus; em 1943, na Casa Bancária Freire, Silveira e Companhia Ltda”. (Mendonça e Silva, 2012, p.66)

Entrou no magistério em 1960 como professor de Inglês do Colégio Pio Décimo, que devido ao seu grande domínio da língua inglesa conseguiu a carteira como professor de inglês expedida pelo Ministério da Educação e Cultura.

Assim, munido de currículo e documentação necessários para lecionar Inglês, em 1962, foi convidado pelo professor Jouberto Uchôa de Mendonça para compor a equipe de educadores (Registro nº D. 35.135) que ora inaugurava o Colégio Tiradentes. No ano de 1970 passou a integrar o conjunto de funcionários da rede pública estadual de Sergipe como professor do ensino médio. Faleceu em Aracaju em 29 de março de 1991. (Mendonça e Silva, 2012, p. 67)

É importante destacar que o professor Renato deu uma grande colaboração como voluntário na Segunda Guerra Mundial, devido a sua fluência da língua inglesa. Assim, devido ao torpedeamento de alguns navios na costa sergipana, ele auxiliou no momento de resgate dos sobreviventes, na qualidade de intérprete daqueles que não falavam o Português. Por conta disso, recebeu o reconhecimento da Marinha de Guerra do Brasil.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 46: Professor Raimundo Aritiquiba Lobão



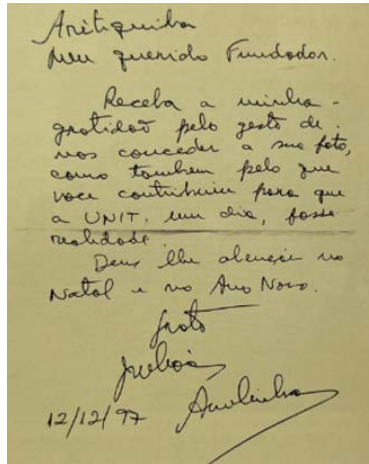
Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p. 76).

O professor Raimundo Aritiquiba Lobão, estudou o curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Sergipe, porém não chegou a concluir pela necessidade em arrumar um trabalho. Além de ter lecionado no Colégio Tiradentes, também lecionou no Atheneu Sergipense, Salesiano, na Escola Normal, Graccho Cardoso e no Gabinete de Ciências Matemáticas – GCM.

Publicou em 1970, pela Editora Nobel, o livro *Geometria no Espaço*. Após aposentar-se, refugiou-se em sua casa de veraneio na Atalaia Nova, para se dedicar à elaboração de um livro (continuação do primeiro), que ficou inacabado em virtude do seu falecimento em 8 de fevereiro de 1999. O professor Aritiquiba Lobão teve seu trabalho reconhecido pela sociedade sergipana, de quem recebeu diversas homenagens. (Mendonça e Silva, 2012, p.77)

Conseguimos encontrar em meio as fontes da pesquisa, um bilhete, assinado pelo professor Uchôa e a professora Amélia, destinado ao professor Raimundo, demonstrando um reconhecimento da instituição por esse educador, demonstrando respeito e amizade entre eles, o bilhete está com a data de 12 de dezembro de 1997.

Imagem 47: Bilhete do Prof. Uchôa para Raimundo Aritiquiba



Aritiquiba
Meu querido Fundador.

Receba a minha
graças pelo gesto de
me conceder a sua foto,
como também pelo que
você contribuiu para que
a UNIT, um dia, fosse
realidade.

Deus lhe abençoe no
Natal e no Ano Novo.

fruto
Juelson
12/12/77 Avelino

Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.78).

A professora Cacilda Wiltshire de Freitas é sergipana da cidade de Maruim. Mudou-se para Aracaju em 1946, para estudar no Colégio Patrocínio de São José, e posteriormente terminando o Ginásial no Atheneu Sergipense. Foi aprovada em primeiro lugar na Faculdade Católica de Filosofia, onde graduou-se em História e Geografia.

Imagem 48: Professora Cacilda Wiltshire de Freitas



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.79).

Iniciou suas atividades docentes, lecionando Geografia no Colégio Estadual de Sergipe, enquanto ainda estava na Graduação. Posteriormente foi convidada para a Escola Normal, depois para o Serviço Nacional do Comércio – SE e para o Colégio Arquidiocesano. Lecionou no primeiro ano do Colégio Tiradentes nas disciplinas em que se graduou, permanecendo na escola até o ano de 1971, quando saiu para assumir o cargo de professora da Escola Técnica de Sergipe.

Por diversos fatores, as instituições educativas têm um lugar definido no campo social, através das ações emitidas pelos agentes educativos, não apenas internamente, mas também sobre aspectos externos.

Não foi possível nesse momento levantarmos informações de todos os docentes da instituição, essa pesquisa está sendo encaminhada no interior do grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste, em uma tese de doutoramento.

O Colégio Tiradentes, quando surgiu no cenário educacional sergipano, teve à frente esses homens e mulheres, educadores, intelectuais, que estavam entre os grandes nomes do magistério sergipano e apoiaram a promover este projeto e foram fundamentais para que o Colégio alcançasse os seus principais objetivos e se mantivesse por tantos anos, contribuindo para a educação do estado, “o professor é um fator-chave na relação educativa e a sua participação pode ser valorizada sem que se converta num magistrocentrismo”. (Magalhães, 2004, p. 25-26)

A ação educativa desenvolvida ao longo dos anos nos traz uma inquietante sede de conhecer mais, contemplando a história que eterniza cada instituição, seus profissionais e as marcas deixadas por eles, que dão sentido ao que passou, que contribuiu para o crescimento institucional.

A todo momento buscamos interpretar o passado sobre aspectos importantes da trajetória desses educadores, requerendo um minucioso trabalho a fim de identificar traços e vestígios produzidos por esses agentes que contribuíram com a instituição educativa. Afinal, segundo Magalhães:

Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu, por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma Instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupos, que se contrapõem a um discurso científico. É mediando entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas. (Magalhães, 2004, p.155)

Ao analisarmos de forma rápida a trajetória de alguns dos primeiros docentes da instituição, percebemos que a seleção destes profissionais, era influenciada por diversos fatores, como a formação acadêmica e a participação em atividades intelectuais na sociedade sergipana. A associação a colégios tradicionais da cidade era vista como um indicativo de prestígio e qualificação. Essa valorização da experiência e do conhecimento demonstra a busca, pelo Colégio e seus dirigentes por profissionais capazes de oferecer uma educação de qualidade e contribuir para o desenvolvimento da instituição e sua representação social.

3.4 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: A ARQUITETURA ESCOLAR E SUAS NARRATIVAS

A arquitetura escolar é um fator crucial para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, pois influencia significativamente o ambiente de ensino. Ao proporcionar espaços que estimulam a retenção de informações, o pensamento crítico e o bem-estar, a arquitetura escolar contribui para a criação de ambientes mais eficazes para o ensino e a aprendizagem, por exemplo, a iluminação natural nas salas de aula favorece a concentração e o bem-estar dos alunos, enquanto a organização do espaço em diferentes ambientes (salas de

aula, laboratórios, biblioteca) estimula a diversidade de atividades e a autonomia dos estudantes.

No contexto atual da produção historiográfica da educação, observa-se um crescente interesse pelo estudo da escola. Essa tendência é resultado de uma nova abordagem dos historiadores, que, ao interrogarem suas fontes, atribuem maior importância à materialidade das práticas, dos objetos e de seus usos.

Frago e Escolano (2001) chamam a atenção para a importância do espaço escolar como realidade social e material dentro da história da escola, Para Frago, a escola como instituição ocupa um espaço e um lugar e, como tal, possui uma dimensão educativa. “O espaço não é neutro. Sempre educa.” (Frago e Escolano, 2001, p. 75), e a arquitetura escolar “cumpr[e] determinadas funções culturais e pedagógicas” e pode ser considerada como um constructo cultural e histórico, uma vez que “define o espaço em que se dá a educação formal e constitui um referente pragmático que é utilizado como realidade ou como símbolo em diversos aspectos do desenvolvimento curricular”. (Frago e Escolano, 2001, p. 47).

Para esses autores, “qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação” (Frago e Escolano, 2001, p. 61). Na história da humanidade, o processo de transmitir os conhecimentos para que os indivíduos tenham condições de integrar-se à sociedade teve formas variadas e objetivos específicos. Em muitas culturas primitivas, a educação aconteceu sem estrutura formal, mas o ambiente onde essas atividades aconteciam poderia ser chamado de espaço escolar.

A partir desse novo olhar, ou desse novo direcionamento do olhar do pesquisador, a “escola” é percebida como um objeto de investigação e para isso, exige um novo modo de olhar e interrogar as fontes tradicionalmente utilizadas, ao mesmo tempo em que abre o campo para outras fontes. “O lugar que a escola teve que ocupar na sociedade foi um ponto de especial preocupação para os reformado-

res dos fins do século XIX e início do século XX” (Frago e Escolano, 2001, p. 30). No Brasil, a preocupação com um lugar específico para a escola, ou seja, com o prédio escolar propriamente dito, começou a surgir, também, a partir dessa época

Por muito tempo o ensino foi ministrado em edifícios improvisados, sem condições de uso. Muitas vezes, eram utilizadas as casas dos professores como espaço escolar. Portanto, a necessidade de um espaço, ou seja, um edifício escolhido e construído destinado à educação, foi historicamente o resultado de uma concentração de diversas forças de caráter social, autonomia e especialização das diversas tarefas, como a profissionalização do trabalho docente, conforme afirma Pimentel (2014),

O entendimento do espaço como construtor de uma cultura escolar nasceu no Brasil com o advento da República (1889). Com ela nasceram os grupos escolares e pela primeira vez houve o entendimento de que o espaço escolar se articulava com o conhecimento, os valores e atitudes de quem neles se inseriam. (Pimentel, 2014, p.68)

Com a regulamentação das novas leis republicanas, a questão do ensino foi tratada de maneira específica, promovendo mudanças neste quesito. Deste modo, podemos dizer que a escola, como instituição de ensino atualmente conhecida, é o resultado de um longo processo histórico, cuja evolução explica o modelo aplicado.

Segundo Bencosta (2005, p. 97), “a construção de edifícios específicos para os grupos escolares foi uma preocupação das administrações dos estados que tinha no urbano o espaço privilegiado para a sua edificação, em especial, nas capitais e cidades prósperas economicamente.” Ou seja, a localização dos edifícios escolares deveria ter destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, funcionando como uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime. Para Faria Filho e Vidal (2007, p. 28), em 40 anos

de República, as alterações efetuadas na educação primária no Brasil foram locais e diferenciadas, decorrentes do caráter descentralizado da administração do ensino primário, e os governos estaduais tinham a responsabilidade de desenvolver a educação em seus territórios.

Nas décadas de 1920 e 1930, as várias reformas de ensino, baseadas nos ideais da Escola Nova, aconteceram de forma desarticulada, em diversos estados. Pode-se identificar, nesse período de reformas algumas ações implementadas principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro (Distrito Federal), objetivando solucionar o problema das edificações escolares. (Dórea, 2013, p. 165)

Em Sergipe, a Reforma Rodrigues Dória de 1911, impulsionou a criação dos grupos escolares, modernizando o ensino normal e primário. Esses estabelecimentos educacionais, além de escolas isoladas, passaram a oferecer um modelo mais estruturado de ensino. Caracterizados por prédios imponentes, os grupos escolares logo se tornaram conhecidos entre os sergipanos como “Templos de Sabedoria”. (Azevedo, 2003)

Entre as novidades em termos de ensino implantadas com os grupos escolares, destaca-se a exigência de um prédio próprio. Em Sergipe, isto não foi obedecido inicialmente, pois o Grupo Escolar Central funcionou, durante um período, no prédio do antigo Atheneu Sergipense, sem as proporções para o ensino simultâneo das duas seções, a masculina e a feminina. O funcionamento do Grupo Central no antigo prédio do Colégio Atheneu ainda prejudicava a grade de horários do ensino primário, pois este passou a ser executado com a duração reduzida a três horas e dez minutos por dia, descontando vinte minutos de recreio. (Azevedo, 2010, p.123)

Neste sentido, a imponência arquitetônica pode ser entendida como um meio de atrelar a imagem da instituição ao poder político, ou seja, o meio de propaganda dos princípios do Estado Republicano. Contudo, podemos dizer que a estrutura da organização do espaço não é autônoma, ela é construída a partir de um processo interativo, da sua ordenação física com as relações sociais.

A teoria e a história da arquitetura, mostram exemplos que promovem a integração do homem com o meio e fornecendo soluções conceituais, funcionais e estéticas que incorporam conhecimento sobre as necessidades do homem, sua condição social e relação com o entorno físico:

O arquiteto deve buscar formas e elementos que estimulem a relação homem/ambiente. O espaço projetado pode trazer a sensação de conforto, segurança, ou imprimir uma característica de ambiente social e coletivo ou individual e íntimo. Pela vivência com os diversos espaços construídos, o homem soma suas experiências individuais e aprende a conviver com o que a arquitetura lhe oferece. (Kowaltowski, 2011, p. 40)

A arquitetura escolar, inserida no campo da História da Educação, revela as práticas de ensino e serve como um importante veículo para a disseminação de novas concepções pedagógicas. Os espaços escolares, portanto, oferecem valiosas pistas sobre a realidade educacional de uma determinada época.

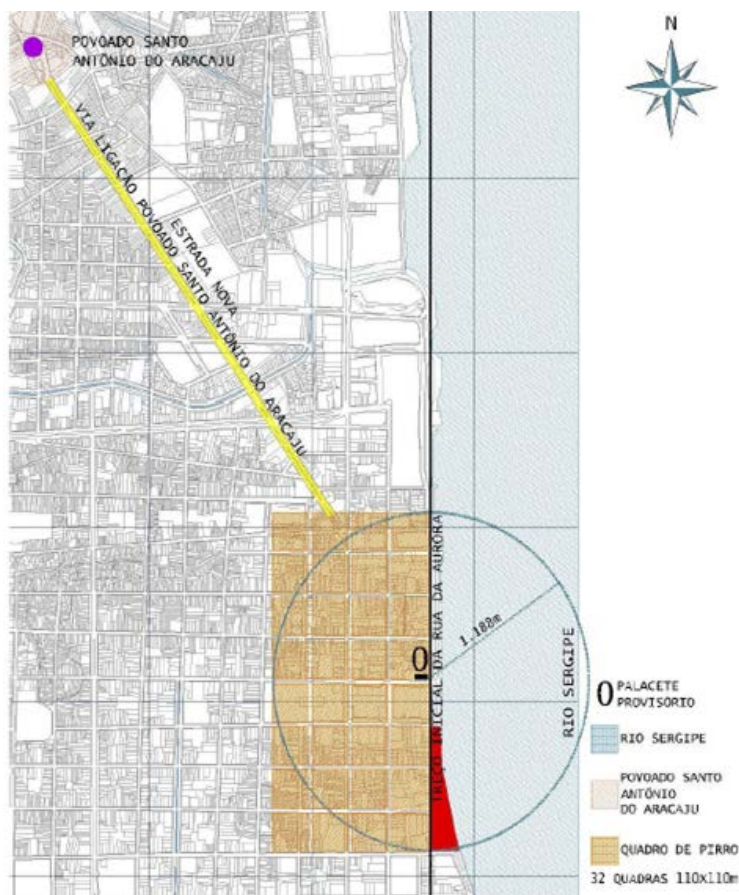
3.5 O ESPAÇO ESCOLAR COMO CONSTRUTOR DA IDENTIDADE DO COLÉGIO TIRADENTES

A partir da análise do edifício escolar como espaço educativo, neste item da pesquisa busca-se compreender o funcionamento do Colégio Tiradentes, localizado em Aracaju. Fundada como nova capital de Sergipe Del-Rei, Aracaju foi planejada para sediar os órgãos administrativos da província, que antes se concentravam em São Cristóvão.

Conforme Lapa (2019), as características geográficas do local foram um dos principais desafios para que o povoado se tornasse a capital do estado. Por isso, o engenheiro Sebastião José Basílio Pirro foi contratado para desenvolver um plano de ocupação que priori-

zasse a planície, organizando a cidade em um padrão semelhante a um tabuleiro de xadrez. A área delimitada por esse plano, conhecida como “Quadro de Pirro”, estendia-se da atual Praça General Valadão até a Avenida Barão de Maruim, no sentido norte-sul, e da Avenida Rio Branco até a Rua Dom Bosco, no sentido leste-oeste. A Imagem 49, apresentada por Lapa (2019), ilustra esse planejamento, demarcando em laranja a área original do “Quadro de Pirro” sobre um mapa atual da cidade, facilitando a visualização.

Imagem 49: Quadro de Pirro



Fonte: (Lapa, 2019, p. 65).

A ausência de informações sobre a ocupação residencial nos primeiros mapas de Aracaju nos obriga a inferir a dinâmica urbana inicial a partir da localização de edifícios públicos e outros pontos de referência. O primeiro prédio do Colégio Tiradentes, por exemplo, situava-se na Rua de Laranjeiras, nº 567, esquina com a Rua de Capela, no Centro da cidade. Embora a data exata de sua construção seja desconhecida, sabe-se que era uma residência particular de propriedade de Elza Valadares. A localização dessa edificação, nos limites do “Quadro de Pirro” (conforme ilustrado na Imagem 50), sugere uma ocupação residencial posterior ao planejamento inicial da cidade, extrapolando as linhas do traçado urbano original.

Imagem 50: Localização do Ginásio e Colégio Tiradentes



Fonte: Recorte do Mapa disponibilizado por Lapa (2019), editado pelos autores, jun. 2023.

Essa busca para entender a localização do edifício da instituição a partir da história do planejamento urbano de Aracaju foi importante para identificarmos seu estilo arquitetônico, identificado como

eclético, ao qual na arquitetura, refere-se a um período de transição predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

O ecleticismo é a mistura de estilos arquitetônicos passados para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. O termo “arquitetura eclética” é usado em referência aos estilos que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, renascentista, barroca, neoclássica, entre outras.

A identificação do estilo eclético no edifício onde funcionou o Colégio Tiradentes, veio a partir de suas características que abrangem a valorização da grandiosidade, a presença de um ou mais estilos arquitetônicos, o destaque para a proporção, a importação de elementos para construção, como o ferro e a presença de colunas e outras peças ornamentais, conforme podemos identificar na Imagem 51 abaixo, referente a sua fachada.

Imagem 51: Fachada do Ginásio e Colégio Tiradentes em 1962



Fonte: (Alves Jr. 2022, p.135).

Apesar de não ser um edifício construído para o funcionamento de uma instituição escolar, a escolha desta edificação acabou sendo muito coerente para o uso a que foi determinado. Segundo Santos

(2009, p.88), “para evidenciar a monumentalidade dos edifícios escolares os engenheiros buscaram usar estratégias como o uso de calçadas mais elevadas, porões e escadarias, que deixavam os edifícios escolares com maior destaque nos logradouros”.

Conforme podemos observar tais características na Imagem 51, como a imponente da edificação com relação as construções vizinhas, a escadaria frontal, o porão alto que além de conferir destaque especial à volumetria, características das edificações da época, também facilitava as adaptações em função ao desnível topográfico, como meio de ventilar e proteger o piso de assoalho. O gradil de ferro colocado somente no trecho o que corresponde a projeção frontal, tinha a função de separar o edifício do espaço exterior da rua.

Portanto, podemos afirmar que o espaço escolar materializa relações de poder, ao qual se manifesta no tamanho dos cômodos, na escolha do mobiliário e tornando a disposição dos espaços dentro do edifício uma questão cada vez mais importante. A partir dessas considerações, podemos analisar o espaço interno do Colégio Tiradentes, que foi remodelado através de suas instalações físicas.

Para uma melhor visualização da planta baixa do prédio, julgamos necessário uma transcrição, o qual encontra-se no **Anexo I**, com todas as informações mantidas conforme a planta que foi assinada pelo construtor Frederico Gentil, e que tivemos acesso através da sua disponibilidade no livro do prof. Uchôa “*Do Ginásio ao Superior: 50 anos na educação Sergipana (1962-2012)*”.

A princípio podemos identificar a disposição de duas plantas arquitetônicas, nomeadas como **pavimento térreo** e **pavimento superior**. No pavimento térreo, podemos identificar que se encontra levemente abaixo do nível da rua (também chamado de nível de acesso), encontramos os assim determinados ambientes: área coberta, cantina, depósito, sala 04, área descoberta, w.c masculino, w.c feminino e quadra de voleibol.

No pavimento superior, contamos com os seguintes ambientes: diretoria, sala dos professores, secretaria, sala 01, sala 02 e sala 03.

Podemos notar de acordo com a disposição dos ambientes, como o edifício foi bem utilizado em favor do uso ao qual estava sendo designado, pois como muitos estabelecimentos de ensino na época, podemos ver que no Colégio Tiradentes, os espaços destinados à direção e secretaria se posicionavam na entrada principal da instituição, onde eram acessados por uma escadaria imponente. Percebe-se desta forma, a importância hierárquica concedida aos cargos que estes espaços representavam, afinal eles se localizavam de forma privilegiada dentro do ambiente escolar.

Seguindo o modelo retilíneo da edificação com as salas de aula, notamos a ausência de portas de um ambiente para o outro, o que favorecia na vigilância tanto dos professores como das aulas ministradas. Frago e Escolano (2001) relatam a importância dessa distribuição quando afirma que,

A localização do gabinete da direção reflete a evolução seguida na concepção dessa figura e de suas funções; em outras palavras, a relação que de um modo geral existe entre a estrutura de papéis e a estrutura ou disposição espacial da escola. Assim, o posicionamento da direção num lugar central, a partir do qual se pudesse vigiar os professores, como se propunha nas primeiras escolas seriadas, correspondia a uma visão do diretor que conservava com os professores o mesmo tipo de relação que o professor tinha antes, no sistema mútuo, com os monitores e, no sistema simultâneo ou misto, com os professores auxiliares. (Frago e Escolano, 2001, p.114)

A partir da visualização das plantas do edifício-casa do Colégio Tiradentes, podemos perceber que suas dependências estavam condizentes com a moderna educação veiculada no momento, baseada nos preceitos da escola nova, atendendo aos padrões de higiene, em que todos os ambientes dispunham de iluminação e ventilação natural.

Apesar de ser um modelo padrão da época, a forma de interação no espaço, não ficou bem resolvida, pois apesar de existir um corredor externo onde os acessos são separados entre ambientes administrativos e as salas de aula essa circulação ficou comprometida, tendo que passar entre elas para se ter acesso. Lembrando que o edifício, ou a casa não foi construída para abrigar a escola, ele foi adaptado de uma moradia clássica do período para abrigar a instituição.

De acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT, para se compor a planta baixa arquitetônica de uma edificação, é necessário que contenha todos os espaços definidos por ambientes. Essa padronização garante que os responsáveis pela execução do projeto entendam o que deve ser feito, bem como para uma possível leitura da edificação.

Ao visualizarmos a planta baixa da construção, temos uma visão de cima do ambiente, mas esse olhar não é o suficiente para entender detalhamentos do projeto. Por isso que existem os cortes, que são desenhos verticais, que mostram os compartimentos internos, a altura do peitoril, tamanho das portas, entre outras informações que não ficam aparentes na planta baixa. Diante da ausência desses desenhos ou até mesmo de imagens que mostrassem o edifício internamente, realizamos uma conversa informal com o Professor Uchôa, que por sua vivência no edifício, pôde trazer esclarecimentos que foram de extrema importância para o desenvolvimento da maquete eletrônica, que pode ser acessada pelo QRCode.

Como podemos observar, na planta não se identifica as portas dos ambientes internos e em alguns ambientes externos, porém nos foi confirmado que apenas entre as salas de aula não tinham as portas, mas que elas existiam nos ambientes administrativos, como na diretoria, sala dos professores, secretaria e os depósitos, que funcionava como o arquivo da instituição.

No que se refere ao ambiente intitulado como “área coberta”, que anteriormente funcionava como uma garagem, porém com a mudança do funcionamento do prédio para uso escolar, sua função junto ao

ambiente a direita, que não está especificado na planta baixa, foi destinada a uma área de descanso dos alunos, sem mobiliários definitivos.

De acordo com Mendonça e Silva (2012) o prédio era pintado de azul claro e portas e janelas azul rei e o piso em madeira, com pé direito de 4,10 metros. Porém, o Prof. Uchôa afirmou que no pavimento térreo todos os ambientes, eram revestidos por um “piso que formava um desenho”, que após pesquisas identificamos como ladrilho hidráulico, um revestimento fabricado artesanalmente à base de cimento que é conhecido por suas peças serem parecidas, mas nunca iguais, que quando se juntam formam um desenho.

Conforme podemos ver na Imagem 52 abaixo, referente a uma aula da saudade do Colégio Tiradentes, acreditamos que as janelas internas eram de basculante em alumínio com vidro e as paredes revestidas nas salas de aula, porém, foi esclarecido que diferente do que consta nos livros, essa aula foi na segunda sede do colégio localizado na Rua Airton Teles, e as paredes da primeira sede na Rua Laranjeiras eram todas pintadas de branco e as janelas internas de madeira conforme as frontais.

Imagem 52: Aula da saudade do Colégio Tiradentes na segunda sede



Fonte: (Mendonça e Silva, 2012, p.124).

Também nos foi afirmado que os ambientes administrativos não continham forro, eram em telhado aparentes. Apenas as salas de aula do pavimento superior contavam com forro e os ambientes do térreo eram com a laje acabada também pintada na cor branca conforme as paredes.

Nas fotos e nos diálogos com o professor Uchôa percebe-se que tudo muito simples, pois a verba adquirida no tempo foi destinada ao mobiliário e materiais para o funcionamento do colégio, então não havia elementos decorativos, e a maioria dos elementos construtivos foram mantidos conforme a antiga residência.

Contudo, buscando uma aproximação com o objeto, a fim de ter tais percepções além das imagens e das informações adquiridas, julgamos necessário visitar o edifício, presumindo que ele ainda existia. Porém, assim como muitas residências históricas no centro de Aracaju que acabaram tendo o mesmo destino, nos deparamos com sua ausência e no lugar, a existência de um estacionamento privado. Conforme podemos ver na Imagem 53.

Imagem 53: Estacionamento Privado construído no lugar que existia o edifício do Colégio Tiradentes



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Para a identificação, além do número 567 ser correspondente, encontramos na visita alguns moradores que residiam na Rua Laranjeiras a muitos anos, que puderam confirmar a venda da residência onde funcionava o antigo Colégio, bem como sua demolição para a construção de um estacionamento rotativo privado.

Todas essas informações obtidas foram de extrema importância tanto para o esclarecimento das questões que estavam em aberto, como para o desenvolvimento da maquete eletrônica, pois como dito anteriormente, buscamos com ela uma máxima aproximação com o prédio original, em sua totalidade e elementos construtivos.

Afinal, o arquiteto, ao iniciar um projeto, precisa encontrar uma forma de transparecer suas ideias, transferindo-as para o papel de modo a poder visualizá-las e consolidá-las através de meios como desenho e maquete, que correspondem à materialização dessas ideias.

Na Imagem 54 abaixo, visualizamos a reprodução feita pelos pesquisadores da fachada do Colégio Tiradentes, numa maquete virtual, a partir das imagens encontradas, que apresentamos a seguir.

Imagem 54: Reprodução da Fachada do Colégio Tiradentes



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pela autora e Willams Ferreira, 2023.

Ao comparar com a Imagem 51 em sua aparência real, observamos que conseguimos reproduzir os elementos arquitetônicos bem como sua forma e dimensão. As cores foram mantidas conforme as informações que encontramos nos livros e que foram confirmadas pelo fundador da instituição.

Na Imagem 55 contamos com a definição da fachada, onde após os esclarecimentos, na construção da maquete virtual, adicionamos

os pisos e as cores dos elementos construtivos conforme o edifício original.

Imagem 55: Definição da Fachada do Colégio Tiradentes



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pela autora e Willams Ferreira, 2023.

Nas construções escolares, o espaço reflete as concepções de ensino tanto quanto as diretrizes da escola. A diretoria e a secretaria são posicionadas nos primeiros cômodos da escola, facilitando o acesso dos pais a estes departamentos, contudo, sem permitir alcance visual da parte interna da escola, como a sala de aula, os banheiros e o arquivo.

Imagem 56: Reprodução da sala da Diretoria



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pela autora e Willams Ferreira, 2023.

Podemos notar na imagem acima a simplicidade do ambiente, com o telhado aparente, sem elementos decorativos, posicionada de modo que esta organização, apesar da estrutura diferenciada do espaço, não deixa de seguir a cartilha de toda edificação escolar, conforme foi passado pelo Professor Uchôa.

Seguindo com os ambientes administrativos, abaixo tem-se a projeção da organização da sala da Secretaria, onde percebe-se o estabelecimento do mesmo padrão do mobiliário, e improvisamos ao adicionar as prateleiras para organização dos livros e arquivos, de forma a deixar o ambiente mais organizado.

Imagem 57: Reprodução da sala da Secretaria



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pela autora e Willams Ferreira, 2023.

Importante apresentar este departamento pois dentro da organização política escolar, a Secretaria é a responsável por todos os eventos burocráticos e legais de funcionamento da instituição, sem ela não existe história do aluno, do corpo docente, dos funcionários e da instituição como um todo.

O formato das salas geralmente era quadrado ou retangulares, formato usado também atualmente, seguindo o mesmo padrão de organização espacial utilizado naquele momento pelas instituições escolares. Como o prédio foi uma adaptação de uma casa, os cômodos não eram muitos, então contamos apenas com 4 salas de aula, sendo 3 no pavimento superior e 1 no inferior.

Abaixo na Imagem 58 e 59 buscamos apresentar a representação de duas salas de aula, mais especificamente a sala 01 e a sala 03. A motivação para serem essas as salas escolhidas, veio do fato de que a sala 01, estava situada ao lado da secretaria, onde nos foi informado que não havia a porta de um ambiente para o outro, facilitando a inspeção. E a Sala 03 por ser a sala mais bem iluminada e ventilada de todas, numa posição mais afastada e privilegiada, com um corredor individual lateral o que facilita o acesso pela escadaria posterior.

Imagem 58: Reprodução da Sala de aula 01



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pela autora e Willams Ferreira, 2023.

A caracterização das salas de aula era fundamentada como na maioria das escolas da época, com as carteiras enfileiradas duplas a uma distância calculada para impedir conversação entre os alunos. Partimos dos princípios de análise de Frago e Escolano (2001), que destaca a necessidade deste formato de influenciar, através da construção, o comportamento do aluno:

Eis aí, uma vez mais, a dialética do limite e da fronteira, do aberto e do fechado, do poroso e do compacto, do que está fora e do que está dentro. A solução tradicional é conhecida: a sala de aula é um compartimento em geral retangular, fechado, no qual a única abertura permitida – ao olhar ex-

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

terior e por razões de vigilância, iluminação ou higiene – é o visor envidraçado na porta ou janelão exterior. (Frago e Escolano, 2001, p.117)

A utilização de mobiliário único, que são usados por indivíduos de diferentes idades, ocasiona uma inadequação ergonômica, afinal, a escola funcionava para as diversas turmas do infantil ao ginásial nessas mesmas salas em diferentes horários. Porém, como nos foi esclarecido, a verba nesse início da instituição era pouca, então foi preciso existir essa padronização do mobiliário.

As carteiras duplas que, mesmo dificultando o movimento dos alunos, ajudavam na realização de tarefas escolares. Portanto, a mesa do professor à frente dos alunos e as carteiras duplas são indícios de uma ordem disciplinar que se queria impingir nas salas de aula em determinada época.

Imagem 59: Reprodução da Sala de aula 03



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pelos autores e Willams Ferreira, 2023.

As janelas que preenchiam uma grande extensão das paredes era o resultado das exigências dos higienistas que, para a prevenção de doenças, instituíram que as salas deveriam ter boa luminosidade e ar puro.

Para evitar distrações dos alunos por partes dessas grandes janelas, a solução foi instalar as janelas numa altura que não permitissem esta visibilidade, desta maneira, foi resolvido o problema com a vantagem de se adquirir um espaço abaixo delas para a exposição de trabalhos dos alunos, avisos escolares e elementos decorativos.

Na Imagem 60, contamos com a representação da área coberta e descoberta, que era utilizada para recreação e descanso dos alunos. Todo o piso do pavimento inferior era em ladrilho hidráulico conforme dito anteriormente. Como não foi especificado o desenho que formava, utilizamos desse em formatos de triângulos com cores frias, muito utilizado em casas antigas.

Imagem 60: Reprodução da área coberta e descoberta



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pelos autores e Willams Ferreira, 2023.

Todo espaço dentro de uma escola existe uma função educadora que se manifesta nas ações exercidas pelo ser humano. Dentre os espaços que exercem uma determinada importância está o pátio escolar, que da mesma forma que uma biblioteca por exemplo, faz parte da instituição de ensino, por representar um espaço próprio para as brincadeiras na hora do recreio e para o desenvolvimento das solenidades institucionais e festivas.

Apesar de não ter mobiliário para brincadeiras ou até mesmo descanso, nos foi confirmado que esse espaço era bastante utilizado

pelos alunos nos intervalos entre as aulas e momentos de lazer. A forma que nos foi passado a respeito do uso desse espaço, ficou claro o quanto estava impregnado de emoções, repleto de significados, transformando-se assim o espaço em lugar.

A ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar. O “salto qualitativo” que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se “a partir do fluir da vida” e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. (Frago e Escolano, 2001, p. 61)

No Colégio Tiradentes, esse era um espaço usado para variadas atividades, sem rotular necessariamente, o local de comer, brincar e estudar, onde todas as atividades educativas, inseridas nesses espaços, conferem uma dinâmica própria da escola. Sendo assim, podemos entender que os ambientes proporcionaram uma variedade maior de configurações para atender os usuários nas diversas atividades de aprendizado.

Além desse espaço mostrado acima, o Colégio contava também com uma quadra de voleibol, conforme consta na planta baixa situada no **Anexo 1**, representada na Imagem 61 abaixo, que era utilizada para a realização das atividades de educação física.

Imagem 61: Reprodução da quadra de voleibol



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pelos autores e Willams Ferreira, 2023.

Durante a finalização da produção da maquete, pudemos perceber em uma das Imagens encontradas na pesquisa, uma placa na fachada do colégio, identificando a instituição. Como a todo momento buscamos uma reprodução do edifício, de forma mais aproximada possível com sua realidade, fomos averiguar informações contidas nessa placa, pois como podemos ver na Imagem 62 abaixo, correspondente a imagem citada, não está legível.

Imagem 62: Identificação da Placa na fachada do Colégio



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe, 1982.

Como não conseguimos encontrar mais imagens da fachada com a placa, referente ao funcionamento nesse edifício, fomos em busca das demais fachadas dos edifícios em que funcionou o colégio nos anos seguintes, na perspectiva de encontrar a placa contendo suas informações.

Foi quando conseguimos encontrar a Imagem 63, que corresponde ao funcionamento do colégio no edifício próprio da Rua Lagarto, com a mesma placa em sua fachada.

“Temos orgulho de estudar neste Colégio”

Imagem 63: Fachada do Edifício da Rua Lagarto



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe, 1982.

Como podemos observar, a imagem acima não está completamente nítida, mas ainda é possível identificar algumas informações na placa, como o nome do colégio, seu brasão e os cursos oferecidos.

Apesar dessas informações serem limitadas, contamos novamente com a ajuda do Professor Uchôa, que, com grande disposição para colaborar com a pesquisa, nos concedeu uma conversa informal para esclarecer esses detalhes.

O Professor nos informou que a placa era branca com moldura azul, com o brasão centralizado, separando o nome “Colégio Tiradentes”. À direita, estavam listados os cursos oferecidos na época, enquanto à esquerda estava escrito “SOB INSPEÇÃO FEDERAL” e o ano de funcionamento.

Essa descrição explica a diferença entre as informações nas placas da fachada do edifício da Rua Laranjeiras (Imagem 62) e as da fachada do edifício da Rua Lagarto (Imagem 63). Embora não possamos ler as placas com clareza, é evidente que a quantidade de informações variava entre as duas placas. Isso se deve ao fato de que, na sua sede própria, o colégio oferecia um maior número de cursos. No entanto, a mesma placa foi reutilizada em todos os edifícios pelos quais o colégio passou.

Com base nessas informações, conseguimos reproduzir a placa e inseri-la na fachada na composição final da Imagem 64.

Imagem 64: Fachada Final da maquete eletrônica



Fonte: Maquete eletrônica desenvolvida pelos autores e Willams Ferreira, 2023

Com o intuito de reproduzir além das imagens, executamos a apresentação do edifício escolar em um vídeo, que pode ser acessado pelo QRCODE abaixo, a fim de mostrar com mais detalhes o interior do colégio.



A construção da maquete do colégio foi fundamental para visualizarmos esse espaço escolar, que hoje não mais existe, e compre-

endermos como as atividades se desenvolviam em seus ambientes. Essa experiência permitiu-nos analisar como o espaço físico escolar pode atuar como um componente educativo, influenciando e moldando as práticas pedagógicas. Afinal, o ambiente escolar não é apenas um cenário, mas um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, direcionando e construindo comportamentos e atitudes nos estudantes.

LEGADO DE UMA INSTITUIÇÃO: O COLÉGIO TIRADENTES E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO SERGIPANA



Explorar a identidade institucional de uma escola é, essencialmente, explorar a identidade da cidade em que ela está localizada. As relações públicas e a dinâmica da vida escolar estão intimamente ligados à maneira como a instituição estabeleceu sua infraestrutura material e administrativa, além de sua interação com outras entidades e influências sociais. Dessa forma, o passado das instituições educacionais não recai apenas sobre a própria escola, seus líderes ou mantenedora, mas também integra a sociedade em que está inserida.

A identidade de uma instituição escolar pode ser entendida por meio de uma análise multidimensional, entre estas a institucional, relativa à infraestrutura material e à administração da instituição. Esta dimensão evolui continuamente, influenciada pelos relacionamentos públicos e pela dinâmica da vida institucional. Para garantir que essa dimensão mantenha sua relevância ao longo do tempo, é crucial conservar documentos, registros, correspondências, edifícios, equipamentos e elementos culturais associados à instituição. (Werle, 2004, p. 118)

A segunda dimensão, que Werle também apresenta seria a mais complexa e emerge das experiências pessoais e coletivas dos mem-

bros da instituição, que seria manifestada por meio das interações dos indivíduos com as normas, comportamentos e processos formativos definidos pela instituição. Nesse sentido, a autora chama a atenção para a importância da manutenção da preservação histórica, pois possibilita novas reflexões e a identificação de rupturas, inconsistências e contradições. Assim, é fundamental que a formação de administradores e professores inclua o ensino sobre a importância da preservação da história institucional, por meio de pesquisas e criação de centros de memória.

Esta pesquisa, inserida no campo da História da Educação e com foco na História das Instituições Educativas, buscou analisar as práticas educativas e a história da criação do Colégio Tiradentes, durante o período em que funcionou em sua primeira sede, localizada na Rua Laranjeiras, nº 567, entre 1962 e 1967, na cidade de Aracaju, Sergipe.

Investigações como esta são de extrema importância, pois revelam diferentes formas de apropriação e representação dos valores e práticas vivenciadas no cotidiano escolar, integrando tanto as ações dos sujeitos quanto a função das instituições educativas na sociedade. Essas instituições surgem da necessidade humana de organizar pensamentos e ações no meio social.

Neste estudo, procuramos construir uma narrativa sobre a história e a memória do Colégio Tiradentes, através do diálogo com autores que discutem a preservação da memória institucional, da cultura escolar e das práticas educativas. Para compreender o processo formativo vivido, baseamo-nos em contribuições teóricas de autores como Julia (2001), Souza (2007), Chartier (1990), Magalhães (2004), Barreto (2012) e Ferronato (2014).

Conhecer essas produções nos permitiu uma perspectiva diferenciada sobre o tema, contribuindo para enriquecer a pesquisa e a historiografia sergipana sobre uma instituição privada de Aracaju com grande significado. Afinal, não existem estudos específicos sobre a instituição, o que representa uma oportunidade para examinar

a história de um colégio que foi a porta de entrada para uma universidade que hoje é referência na região.

O Colégio Tiradentes, uma instituição de ensino não confessional, foi fundado em 1962 e prestou serviços como escola particular durante 10 anos. Em 1972, obteve o alvará de funcionamento e transformou-se em Faculdades Integradas Tiradentes, e posteriormente, Universidade Tiradentes.

O objetivo principal desta pesquisa foi tecer uma narrativa histórica sobre o Colégio Tiradentes de Aracaju-Sergipe, abordando elementos específicos como a cultura escolar, os sujeitos, as práticas e a arquitetura escolar. Para alcançar esses objetivos, organizamos a pesquisa envolvendo a estrutura, o funcionamento, as representações e a identidade da instituição.

Compreendemos o contexto educacional de Aracaju no ano de fundação do Colégio Tiradentes (1962), observando que a escola surgiu em um período crucial na História da Educação do estado, devido à necessidade de educar jovens oriundos da zona rural que buscavam uma formação qualificada na capital sergipana. Com o levantamento documental realizado, procuramos reconstruir a história do Colégio, apresentando o cenário educacional da época e sua fundação, destacando a trajetória dos principais agentes educativos envolvidos.

Ao formar um debate entre a instituição e sua comunidade, é necessário avaliar os planos espaço-temporais, priorizando abordagens culturais. Assim, ao buscar sentido na transmissão da cultura escolar, enfatizamos a importância da História da Instituição.

Abordamos a disposição do espaço, relacionando-a com os princípios de Frago e Escolano (2001), visto que o edifício não foi originalmente construído para a função escolar, mas adaptado para isso. A configuração dos ambientes a partir da maquete nos permitiu imaginar como as atividades ocorriam e como os ambientes podem contribuir para as práticas pedagógicas.

Esse resgate foi baseado na imagem de uma planta baixa encontrada no livro do fundador da instituição, que tivemos que recons-

truir para melhor visualização, e em uma foto da fachada frontal, que nos ajudou a entender a escala da edificação.

Além da análise do espaço, abordamos o currículo, o processo de ensino-aprendizagem, as festas escolares e os agentes educativos, com o propósito de mostrar o Colégio Tiradentes em todo o seu processo histórico e funcionamento, reconhecendo a importância dessa instituição na transmissão da cultura escolar. O colégio sempre foi uma instituição particular que buscou formar seus alunos de acordo com as leis educacionais vigentes à época.

Explorar esse espaço foi como mergulhar no passado, revelando aspectos silenciados e narrando uma história à luz da educação, permitindo compreender a origem, o desenvolvimento e o funcionamento do Colégio Tiradentes durante sua primeira sede (1962-1967). Mesmo com o desafortunado despejo, os alunos permaneceram leais à instituição, demonstrando a eficácia de sua atuação na educação sergipana e sua importância para a institucionalização do Colégio Tiradentes em Aracaju.

Algumas lacunas persistem devido à falta de vestígios que permitam falar com mais segurança sobre a instituição, como documentos e arquivos institucionais que poderiam ter contribuído significativamente para a construção desta narrativa.

Por fim, identificamos aspectos da cultura escolar, do processo de ensino-aprendizagem, das práticas escolares e da arquitetura escolar, contribuindo para a história do Colégio Tiradentes e destacando a importância da instituição no campo acadêmico. Isso resultou na relevância do colégio e sua contribuição para a formação cultural de Aracaju, agora uma universidade de prestígio.

Enfatizamos a importância dos resultados alcançados e a necessidade de desenvolvimento de pesquisas adicionais sobre essa instituição, para compreender outros períodos de sua história e elucidar as transformações em seu funcionamento ao longo das seis décadas de existência, bem como as influências das mudanças no campo da História da Educação e da sociedade sergipana.

Para finalizar e recorrendo novamente às formulações de Werle (2004), no que tange à multidimensionalidade da Identidade institucional, chamamos atenção também para importância da “preservação de documentos atos, correspondências, prédios, equipamentos e marcas culturais é fundamental para que esta dimensão não se calcifique, enrijeça e morra pela rarefação demarcas do passado”. No caso específico da instituição aqui objeto de análise esse caminho, da preservação deve ter mais atenção de gestores e pesquisadores do campo da história da educação, no caminho da institucionalização de um Centro de Memória para a preservação de uma história tão importante da educação sergipana e brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVES JR., Milton. **Uchôa**: multiplicador de sorrisos. [livro eletrônico] / Milton Alves Jr. Aracaju: Segrase, 2022.

ANDRADE, Francielle Aparecida Garuti; TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de. **História da Educação e pesquisas sobre instituições escolares**: um balanço da produção nas universidades paranaenses (2008-2016). Cadernos de História da Educação, v.19, n.1, p.214-229, jan./abr. 2020.

ANDRADE, André Augusto. **Félix d'Ávila e o campo da Educação Física em Sergipe, (1958-1959)**. Aracaju, 2014.

AZEVEDO, Sérgio de. **Políticas públicas**: discutindo modelos e alguns problemas de implementação. In: SANTOS JÚNIOR, Orlando A. Dos (et. al.). Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

AZEVEDO, F. et al. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

BARRETO, Luiz Antonio. **Jouberto Uchôa de Mendonça**: vida & experiência. / Luiz Antonio Barreto. – Aracaju: Ed. Diário Oficial, 2012.

BASTOS, M. H. C. **Jardim de crianças**: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). In: MONARCHA, C. (org.) Educação da infância brasileira: 1875-1983. Campinas: SP: Autores Associados. 2001. p.31-80.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Arquitetura e Espaço Escolar**: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). Educar, Curitiba, n. 18, p. 103-141. 2001. Editora da UFPR.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BERGER Miguel André. **Igreja x educação: o papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina**. Cadernos de História da Educação - n.º. 3 - jan./dez. 2004.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A.M.P. **Formação de Professores: o discurso crítico liberal em oposição ao agir dogmático repressivo.** Ciência e Cultura, v.41, n.5, 1989.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CLOSS, Lisiane; ANTONELLO, Claudia Simone. **História de Vida: Suas possibilidades para a investigação de processos de aprendizagem gerencial.** REVISTA GESTÃO. Org – Vol. 10, Nº. 1 p.105 - 137, jan./abr. 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Instrução particular e a oferta de internato na Província de Sergipe (1840-1888).** Educação Unisinos, vol. 20, núm. 1, pp. 14-27, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4496/449645666003/html/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lucia Alves. **Educação Feminina: Memória e Trajetórias de Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970).** São Cristóvão. Editora UFS. 2011.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 161-181, jul./set. 2013. Editora UFPR

FARIA FILHO, L. M. de; GONÇALVES, I. Antônio; VIDAL, D. Gonçalves; PAULINO, André Luiz. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gWnWZ-d8C5TsxsYC7d6KzbTS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FARIA FILHO, Luciano M. de e VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. Nº 14, p. 19 a 34. maio, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rjhxvFpJQ97LDYVJxkXybbD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. **Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na província da Parahyba do Norte (1836-1884).** Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE; Aracaju, 2014.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, 208 p.

FRAGO, A. Viñao; ESCOLANO Agustín. **CURRÍCULO, ESPAÇO E SUBJETIVIDADE. A arquitetura como programa**. DP&A: Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE E SHOR, Paulo e Ira. Shor. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** / Paulo Freire, Ira Shor – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GAMA, Marta Maria; ALMEIDA, Laura Isabel Marques V. de; **OS EXAMES DE ADMISSÃO DA DÉCADA DE 1931 A 1971**. XVI Seminário Temático, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – Roraima, 2018.

GATTI JR., Décio. **História das instituições educacionais**: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio. (Org.). **Novos temas da educação: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GATTI JR., Décio. **História e historiografia das instituições escolares**: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, p. 172-191, jan./jun. 2007.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de Anjo e letreiros de néon**: ginásianos e Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2002.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LAPA, Dayse Araújo. **LINHAS ENTRELACADAS: História da educação - arquitetura dos grupos escolares - cidade de Aracaju (1914 -1925)**. Mestrado em Educação - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2019.

Lapa, D. A., & Amorim, S. S. O encontro das linhas: cidade de Aracaju e grupos escolares (1914-1925). *Revista História da Educação*, 24, 2020.

Lima, R. C. G. **Cultura escolar do Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello**: espaço de reinvenção e disseminação de novas práticas educacionais (1932-1950). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Breve apontamento para a história das Instituições Educativas**. In: SANFELICE, José Luiz; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.) História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, SP: Autores Associados/HISTEDBR, 1999a. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v10i39.8639738>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Contributo para a História das Instituições Educativas**: Entre a Memória e o Arquivo. Braga, Universidade do Minho, 1999b.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Da cadeira ao banco**: escola e modernização (séculos XVIII-XX). Lisboa: EDUCA, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/srgphe.2015.18-19.0.4072>. Acesso em: 13 ago. 2022.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **O ensino da História da Educação**. In: Carvalho, Marta Maria Chagas de. GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). O Ensino de História da Educação. Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação; Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. p. 175-210. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/rbhe.2013.021>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Universidade Tiradentes do ginásio ao superior**: 50 anos na educação sergipana (1962-2012). Aracaju: UNIT, 2012.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de; **Sentidos de currículo**: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas. Campinas, SP: FE/UNICAMP; ANPEd, 2006.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **“Instruir e educar”**: práticas de formação no Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938-1980) – São Cristóvão, 2014.

POLKINGHORNE, D. E. **Narrative configuration in qualitative analysis**. In: HATCH, J. Amos. (Ed.) *Life history and narrative*. London: Routledge Falmer, 1995.

ROCHA, Edmundo Ferreira. **Curso de Admissão ao Ginásio**. Campos do Jordão Cultura, 2010. Disponível em: http://www.camposdojordaoocultura.com.br/ver-chronicas.asp?Id_cronica=79&Assunto=Curso+de+Admiss%E3o+ao+Gin%EIsio. Acesso em: 19 jun. 2023.

SAMPAIO, Dilson Gonzaga. **“Para tornar o estudo um farol no colégio o lema traçemos” O Colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953)**. Mestrado em Educação - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2016.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **ECOS DA MODERNIDADE A ARQUITETURA DOS GRUPOS ESCOLARES SERGIPIANOS (1911-1926)**. Mestrado em Educação – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2009.

SANTOS, Patrícia Batista dos. **No garbo de estudantes, na disciplina dos militares: ritos e práticas educativas nas comemorações cívicas escolares no estado de Sergipe (1964-1985)**. Doutorado em Educação – Universidade Tiradentes, Aracaju/SE, 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico-metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-73302000000400017>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. In: In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Org.). Campinas: Autores Associados, 2007. p. 3-30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1981-77462009000100012>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Reflexões sobre o ensino e a pesquisa em história da educação**. In: GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 07-31. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-707885-7496-124-8> Acesso em: 22 ago. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições de memória e organização de acervos para a história das instituições escolares**. In: SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). *História da educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica*. Campinas: Alínea, 2013.

REFERÊNCIAS

p.13-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rho.v14i56.8640454>> Acesso em: 23 ago. 2022.

SILVA, Maria Cecília Serafim. **AGENTES E AÇÕES CURRICULARES NA HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL MARIA CONSTANÇA BARROS MACHADO (1941-1966): A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE “EXEMPLARIDADE”**. Mestrado em Educação – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

SIMON, Marinice Souza. **Professores e paradigmas em transição: saberes, rupturas, limites e desafios**/Marinice Souza Simon. – Porto Alegre, 2010.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro De Pesquisa Em Educação, Iv Jornada De Prática De Ensino, Xiii Semana De Pedagogia Da Uem: “Infancia E Praticas Educativas”. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária**. Educar, Curitiba, n.18, p. 75-101. 2001. Editora da UFPR.

TARDIF, Maurice. **Ofício de professor: História, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar**. Cadernos de História da Educação-nº. 3 - jan./dez. 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Espaço escolar e história das instituições escolares**. Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

FONTES:

DIÁRIO OFICIAL. Escola do Serviço Social de Sergipe. Fevereiro, 1960. Disponível no Arquivo Público de Aracaju/Se.

JORNAIS DE SERGIPE. “Jornais de Sergipe”, 2002-2009. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

JORNAIS DE SERGIPE. “A cruzada”, 1922-1970. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/1> . Acesso em: 09 jan. 2023.

JORNAIS DE SERGIPE. “Sergipe Jornal”, 1921-1965. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/75> . Acesso em: 10 jan. 2023.

